

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

ANA CLÉCIA DE OLIVEIRA

POPULAÇÃO IDOSA EM SITUAÇÃO DE RUA

São Paulo – Junho / 2009

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

ANA CLÉCIA DE OLIVEIRA

Trabalho de conclusão do curso de Pós
Graduação em Gestão de Projetos
Sociais em Organizações do Terceiro
Setor apresentado à Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo

Orientador: Prof. Dr. Luciano Antônio
Prates Junqueira

São Paulo – Junho / 2009

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus.

Ao meu esposo Ivan, pela paciência e colaboração no fechamento deste trabalho.

Ao Prof. Luciano Junqueira, pelo apoio e orientação na realização deste trabalho.

À Associação Rede Rua e ao Refeitório Comunitário, por me receberem com carinho e por disponibilizarem o refeitório para a realização da pesquisa.

Ao Grupo de Articulação de Moradia para o Idoso da Capital - GARMIC, pelo apoio dado e pela indicação de pessoas maravilhosas, as quais me receberam em suas residências com muito afeto e respeito.

A todos os entrevistados que colaboraram ao fornecer informações pessoais e lições de vida, presentes em suas histórias, seus sentimentos e em sua solidariedade com o próximo, que serviram de base para as conclusões desta monografia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
Capítulo 1 – O ENVELHECIMENTO E AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA.....	8
O BRASIL ENVELHECIDO.....	8
A POPULAÇÃO IDOSA NO BRASIL	13
A POPULAÇÃO IDOSA NA CIDADE DE SÃO PAULO	19
A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO.....	24
O IDOSO EM SITUAÇÃO DE RUA	31
Capítulo 2 - AS POLÍTICAS SOCIAIS PARA IDOSOS E MORADORES DE RUA	35
POLÍTICAS INTERNACIONAIS DO IDOSO	35
POLÍTICAS NACIONAIS DO IDOSO	36
POLÍTICAS SOCIAIS PARA MORADORES DE RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO	40
Capítulo 3 – REDES SOCIAIS	48
CONCEITO DE REDES SOCIAIS	48
Capítulo 4 – METODOLOGIA DA PESQUISA	52
Capítulo 5 – ANÁLISE DOS RESULTADOS	55
CONCLUSÃO.....	69
BIBLIOGRAFIA	75
Apêndice I - INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	78
1.1 QUESTIONÁRIO APLICADO NO REFEITÓRIO PENAFORTE MENDES.....	78
1.2 QUESTIONÁRIO APLICADO NO GARMIC.....	87
Apêndice II – RESULTADOS DA PESQUISA.....	97
2.1 RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO APLICADO NO REFEITÓRIO PENAFORTE MENDES	97
2.2 RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO APLICADO NO GARMIC.....	114

INTRODUÇÃO

A Organização das Nações Unidas consagrou o ano de 1999 como o Ano Internacional do Idoso. Os princípios das Nações Unidas visam assegurar que seja dada atenção prioritária às pessoas idosas. Seguem os pontos básicos considerados: dignidade, participação, independência, cuidados e autorealização. (CAMARANO, 1999)

A população mundial apresenta mais de seis bilhões de pessoas, o número de pessoas com mais de 60 anos chega a 646 milhões, numa proporção de uma em cada dez, e esse número ainda é acrescido todo ano em 11 milhões, o que deixa claro a caracterização do envelhecimento da população mundial. (IBGE, 2009)

Segundo dados do IBGE, o Brasil já ultrapassa os 180 milhões de habitantes. O País apresentou em 2006 uma população total de 187,2 milhões de habitantes, dessa população os idosos com 60 anos ou mais de idade representam 19 milhões de pessoas. (IBGE, 2007)

O envelhecimento é um processo natural que se inicia no momento em que nascemos, portanto, nascer é começar a envelhecer. Estima-se que, no Brasil, em 2050, o número de habitantes será de 259,8 milhões e o grupo de idosos somará 34,3 milhões, ou seja, 13,2% da população. (IBGE, 2006)

Em 2050, estima-se que o Brasil terá um patamar de vida média de 81,29 anos, chegando basicamente ao mesmo nível atual da Islândia (81,80), Hong Kong, China (82,20) e Japão (82,60). (IBGE, 2008)

As pesquisas apresentam que o Brasil atravessa, em seu momento demográfico, um aumento da longevidade e uma urbanização acelerada, portanto essas mudanças nos alertam para um país envelhecido e para a necessidade de uma preparação para tal situação, tanto em relação às políticas públicas, quanto em relação à sociedade e ao

comportamento dos familiares desses idosos, pois todos são e serão responsáveis pelo bem-estar deles.

As culturas orientais veem o idoso como uma pessoa merecedora de muito respeito, pois, além de tudo, representa fonte de experiência e de saber, enquanto que, nas culturas ocidentais, o idoso é visto como “velho” e lento na execução de tarefas.

A nossa cultura brasileira constrói, em nossas mentes, uma imagem do idoso como sendo aquele indivíduo que possui idade avançada, que apresenta cabelos brancos e limitações em sua força física. Quando uma pessoa apresenta senilidade, temos o hábito de julgá-la como “velho”, pois caracterizamos senilidade (a pessoa não consegue mais se orientar e perde a capacidade de memorizar e de prestar atenção) como sinais da velhice.

Para efeito de lei, ser idoso é caracterizado a partir de uma faixa etária determinada, exemplo, na lei n. 8.842 de 1994 (Política Nacional do Idoso) considera-se idoso a pessoa maior de 60 anos de idade. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define o idoso como uma pessoa com 65 anos ou mais nos países desenvolvidos e 60 anos nos países em desenvolvimento. *(PREFEITURA, 2009)*

Portanto, o idoso é a pessoa que tem 60 anos ou mais de idade. A ONU ainda classifica os idosos em três categorias: pré-idosos, idosos jovens e idosos avançados. *(PORTAL DO VOLUNTÁRIO, 2009)*

Essa divisão só nos mostra que a idade acima de 60 anos não determina que a pessoa seja senil, pois cada indivíduo tem suas particularidades, assim como sua história de vida, seus costumes, sua alimentação, enfim, há muitas variáveis que permeiam o processo do envelhecimento. Algumas pessoas mostram declínio no estado de saúde e nas competências cognitivas precocemente, nos seus 60, 70 anos, enquanto outras vivem saudáveis até os 80, 90 anos.

No Brasil, o dia Nacional do Idoso foi comemorado, nos últimos 15 anos, sempre no dia 27 de Setembro. Na verdade, não existia um real consenso em relação à escolha desse dia e, desde a assinatura da Política Nacional do Idoso em 4 de Julho de 1996, as lideranças do segmento idoso vinham reivindicando que a comemoração oficial mudasse para a data de 1º de Outubro, de acordo com o Dia Internacional do Idoso, segundo o calendário de celebrações especiais da Organização das Nações Unidas (ONU). Dessa forma, a partir da Lei nº 11.433 de 28 de Dezembro de 2006, assinada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ficou instituído que o Dia Nacional do Idoso seria celebrado em 1º de Outubro de cada ano, juntamente com os demais países. *(PREFEITURA, 2007)*

Torcemos para que o Brasil, assim como lutou pela mudança do dia Nacional do Idoso, também consiga implementar melhores políticas públicas, de modo a atender os direitos dos idosos previstos em lei.

Esta monografia analisará o cotidiano dos idosos em situação de rua e os que já estiveram nessa situação, buscando verificar os motivos que levam as pessoas da terceira idade a essa situação. Além disso, procurar-se-á visualizar as relações que se criam neste processo, buscando identificar suas redes sociais.

Este trabalho se inicia com uma discussão no 1º capítulo sobre o Brasil envelhecido, no qual é mostrada a mudança demográfica do País e o processo da longevidade da população. É relatado também os locais que oferecem atendimento relacionado à Proteção Social Básica e Proteção Social Especial aos idosos de São Paulo e outros municípios. No mesmo capítulo, também é abordada a situação da população de rua na cidade de São Paulo, veremos como vive essa população e os seus meios de sobrevivência.

Em seguida, no 2º capítulo são apresentadas as Políticas Sociais tanto para idosos, quanto para os moradores de rua. O 3º capítulo contempla a questão das redes sociais. Por fim, é apresentada a metodologia da pesquisa e a análise de seus resultados.

Capítulo 1 – O ENVELHECIMENTO E AS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

O BRASIL ENVELHECIDO

Até meados da década de 1940, o Brasil apresentava altas taxas de natalidade e de mortalidade. Porém, com a implantação de políticas de saúde pública, a redução de doenças infecciosas e parasitárias, os avanços apresentados pela medicina, as melhorias dos sistemas de saneamento básico – principalmente dos grandes centros urbanos – o País passou por uma transição demográfica; foi nesse período que as taxas de mortalidade começaram a diminuir e em conjunto com as altas taxas de natalidade proporcionaram elevadas taxas de crescimento da população.

Em meados da década de 1960, observou-se o início do declínio das taxas de natalidade – período em que se iniciou a introdução e a divulgação dos métodos anticoncepcionais orais no Brasil.

Entre 1960 -1970 já se observava uma discreta diminuição das taxas de crescimento da população (devido ao uso de anticoncepcionais), mas foi exatamente nos anos 80, **como mostra a tabela abaixo**, que foi possível observar uma diminuição acelerada da taxa de natalidade, por conta da propagação da esterilização feminina, procedimento esse que contribuiu para uma queda contínua das taxas de crescimento. (IBGE, 2004)

**Tabela 14: Projeção da taxa de fecundidade total
Brasil: 1950 – 2050
Primeiro conjunto de taxas**

	Qüinqüênios	TFT
	1950-55	6,15
	1955-60	6,15
	1960-65	6,15
	1965-70	5,31
	1970-75	4,70
1975.80	1975-80	4,21
	1980-85	3,81
	1985-90	3,46
	1990-95	3,16
	1995-00	2,91
	2000-05	2,71
	2005-10	2,55
	2010-15	2,43
	2015-20	2,34
	2020-25	2,28
	2025-30	2,23
	2030-35	2,19
	2035-40	2,16
	2040-45	2,14
	2045-50	2,13

Fonte: Centro Latinoamericano de Demografia, 1984.

Tabela 15 – BRASIL: IBGE e Celade	
Taxas de fecundidade total por quinquênio	
Quinquênios	Taxas de fecundidade total
1950-1955	6,15
1955-1960	6,15
1960-1965	6,15
1965-1970	5,38
1970-1975	4,72
1975-1980	4,31
1980-1985	3,80
1985-1990	3,10
1990-1995	2,60
1995-2000	2,45
2000-2005	2,35
2005-2010	2,25
2010-2015	2,16
2015-2020	2,09
2020-2025	2,02
2025-2030	1,95
2030-2035	1,90
2035-2040	1,85
2040-2045	1,85
2045-2050	1,85

Fonte: IBGE e Celade. Valores obtidos a partir da metodologia descrita.

Toda essa mudança no cenário demográfico também foi tomando corpo devido às transformações ocorridas na sociedade brasileira e, de modo geral, dentro das próprias famílias. Podemos destacar que, frente a esse contexto, uma população foi conquistando, cada vez mais, seu espaço e, dessa forma, foi chamando a atenção de todos; essa população é formada pelos idosos, ou melhor, pelos novos idosos.

Hoje não podemos falar de vida, sem deixar de comentar sobre a palavra “longevidade”.

“Longevidade significa vida longa, dilatada, seu significado é relacionado à expectativa de duração de vida, determinada por vários fatores.” (WIKIPEDIA, 2009)

“Longevidade significa qualidade do longo, ou seja, qualidade daquele que tem muita idade. Longevidade está sempre relacionada com expectativa de duração de vida. Expectativa esta, formulada em função de um complexo de fatores influentes, tais como: hereditários, climáticos, ambientais, alimentares, comportamentais e medicinais.” (DGABC, 2008)

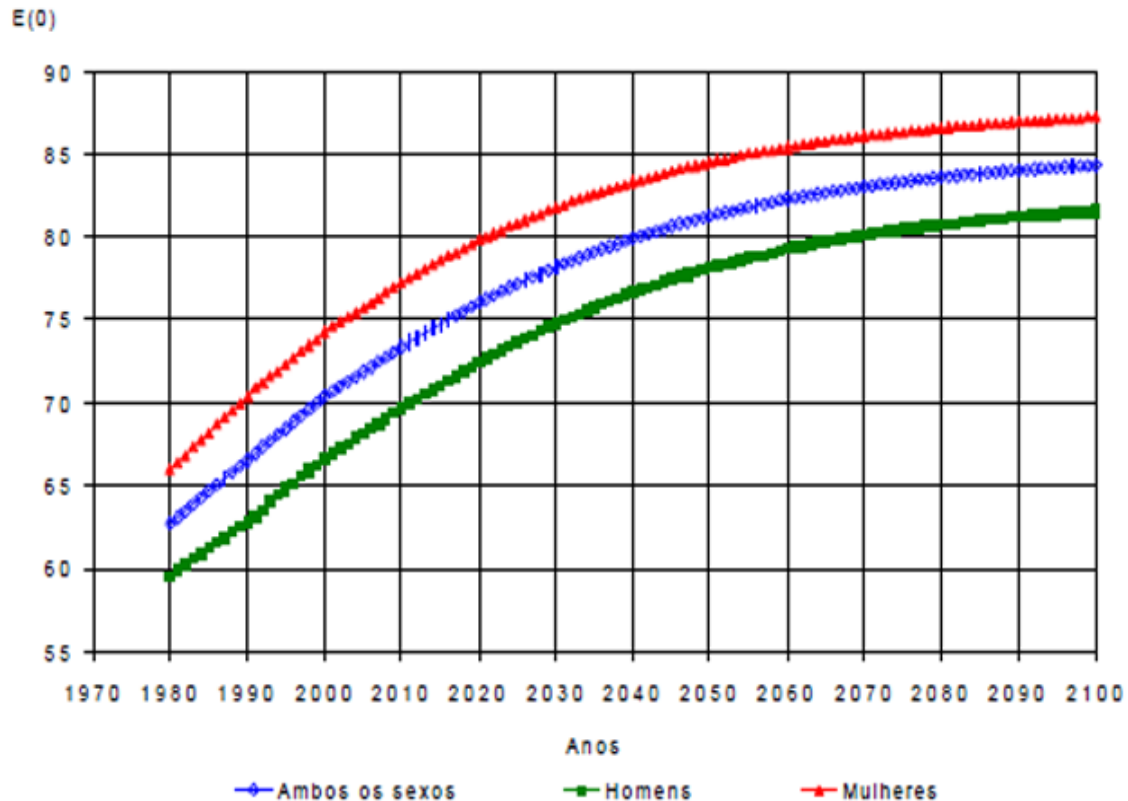
Através de pesquisas podemos constatar que o Brasil apresenta em seu momento demográfico um aumento da longevidade, urbanização acelerada e baixas taxas de fecundidade, e, por conta desse cenário, a população idosa está aumentando cada vez mais. Devemos estar preparados para essas mudanças, pois tanto as políticas públicas quanto a sociedade e as famílias são e serão responsáveis pelo bem-estar dos idosos.

Tabela 10 - Esperanças de vida ao nascer resultantes do processo de interpolação - 1980/2100

Anos	Esperança de vida ao nascer			Anos	Esperança de vida ao nascer			Anos	Esperança de vida ao nascer		
	Ambos os Sexos	Homens	Mulheres		Ambos os Sexos	Homens	Mulheres		Ambos os Sexos	Homens	Mulheres
1980	62,7	59,6	66,0	2020	76,1	72,5	79,8	2060	82,3	79,3	85,4
1981	63,1	59,9	66,4	2021	76,3	72,7	80,0	2061	82,4	79,4	85,5
1982	63,5	60,2	66,9	2022	76,5	73,0	80,2	2062	82,5	79,5	85,6
1983	63,9	60,6	67,3	2023	76,7	73,2	80,4	2063	82,6	79,6	85,7
1984	64,3	60,9	67,8	2024	77,0	73,4	80,6	2064	82,6	79,7	85,7
1985	64,7	61,3	68,2	2025	77,2	73,7	80,9	2065	82,7	79,8	85,8
1986	65,1	61,6	68,7	2026	77,4	73,9	81,0	2066	82,8	79,8	85,9
1987	65,5	61,9	69,1	2027	77,6	74,1	81,2	2067	82,9	79,9	85,9
1988	65,8	62,2	69,5	2028	77,8	74,4	81,4	2068	82,9	80,0	86,0
1989	66,2	62,5	70,0	2029	78,0	74,6	81,6	2069	83,0	80,1	86,0
1990	66,6	62,8	70,4	2030	78,2	74,8	81,8	2070	83,1	80,1	86,1
1991	67,0	63,2	70,9	2031	78,4	75,0	82,0	2071	83,1	80,2	86,2
1992	67,3	63,6	71,3	2032	78,6	75,2	82,1	2072	83,2	80,3	86,2
1993	67,7	64,0	71,6	2033	78,8	75,4	82,3	2073	83,3	80,4	86,3
1994	68,1	64,5	71,9	2034	79,0	75,6	82,5	2074	83,3	80,4	86,3
1995	68,5	64,8	72,3	2035	79,1	75,8	82,6	2075	83,4	80,5	86,4
1996	68,9	65,2	72,7	2036	79,3	76,0	82,8	2076	83,4	80,5	86,4
1997	69,2	65,5	73,1	2037	79,5	76,1	82,9	2077	83,5	80,6	86,5
1998	69,6	65,9	73,5	2038	79,6	76,3	83,1	2078	83,5	80,7	86,5
1999	70,0	66,3	73,9	2039	79,8	76,5	83,2	2079	83,6	80,7	86,6
2000	70,4	66,7	74,3	2040	80,0	76,7	83,4	2080	83,6	80,8	86,6
2001	70,7	67,0	74,6	2041	80,1	76,8	83,5	2081	83,7	80,8	86,6
2002	71,0	67,3	74,9	2042	80,2	77,0	83,6	2082	83,7	80,9	86,7
2003	71,3	67,6	75,2	2043	80,4	77,2	83,7	2083	83,8	80,9	86,7
2004	71,6	67,9	75,5	2044	80,5	77,3	83,9	2084	83,8	81,0	86,8
2005	71,9	68,1	75,8	2045	80,7	77,5	84,0	2085	83,9	81,0	86,8
2006	72,2	68,4	76,1	2046	80,8	77,6	84,1	2086	83,9	81,1	86,8
2007	72,5	68,8	76,4	2047	80,9	77,7	84,2	2087	83,9	81,1	86,9
2008	72,8	69,1	76,7	2048	81,0	77,9	84,3	2088	84,0	81,2	86,9
2009	73,1	69,4	77,0	2049	81,2	78,0	84,4	2089	84,0	81,2	86,9
2010	73,4	69,7	77,3	2050	81,3	78,2	84,5	2090	84,1	81,2	87,0
2011	73,7	70,0	77,5	2051	81,4	78,3	84,6	2091	84,1	81,3	87,0
2012	74,0	70,3	77,8	2052	81,5	78,4	84,7	2092	84,1	81,3	87,0
2013	74,2	70,5	78,1	2053	81,6	78,5	84,8	2093	84,2	81,4	87,1
2014	74,5	70,8	78,3	2054	81,7	78,6	84,9	2094	84,2	81,4	87,1
2015	74,8	71,1	78,6	2055	81,8	78,8	85,0	2095	84,2	81,4	87,1
2016	75,0	71,4	78,8	2056	81,9	78,9	85,1	2096	84,2	81,5	87,2
2017	75,3	71,7	79,1	2057	82,0	79,0	85,2	2097	84,3	81,5	87,2
2018	75,6	71,9	79,3	2058	82,1	79,1	85,3	2098	84,3	81,5	87,2
2019	75,8	72,2	79,6	2059	82,2	79,2	85,4	2099	84,3	81,5	87,2
								2100	84,3	81,6	87,2

Fonte: Procedimento de interpolação descrito.

Gráfico 4 - BRASIL - Esperanças de vida ao nascer estimadas e projetadas : 1980 – 2050



Fonte: IBGE 2000

A POPULAÇÃO IDOSA NO BRASIL

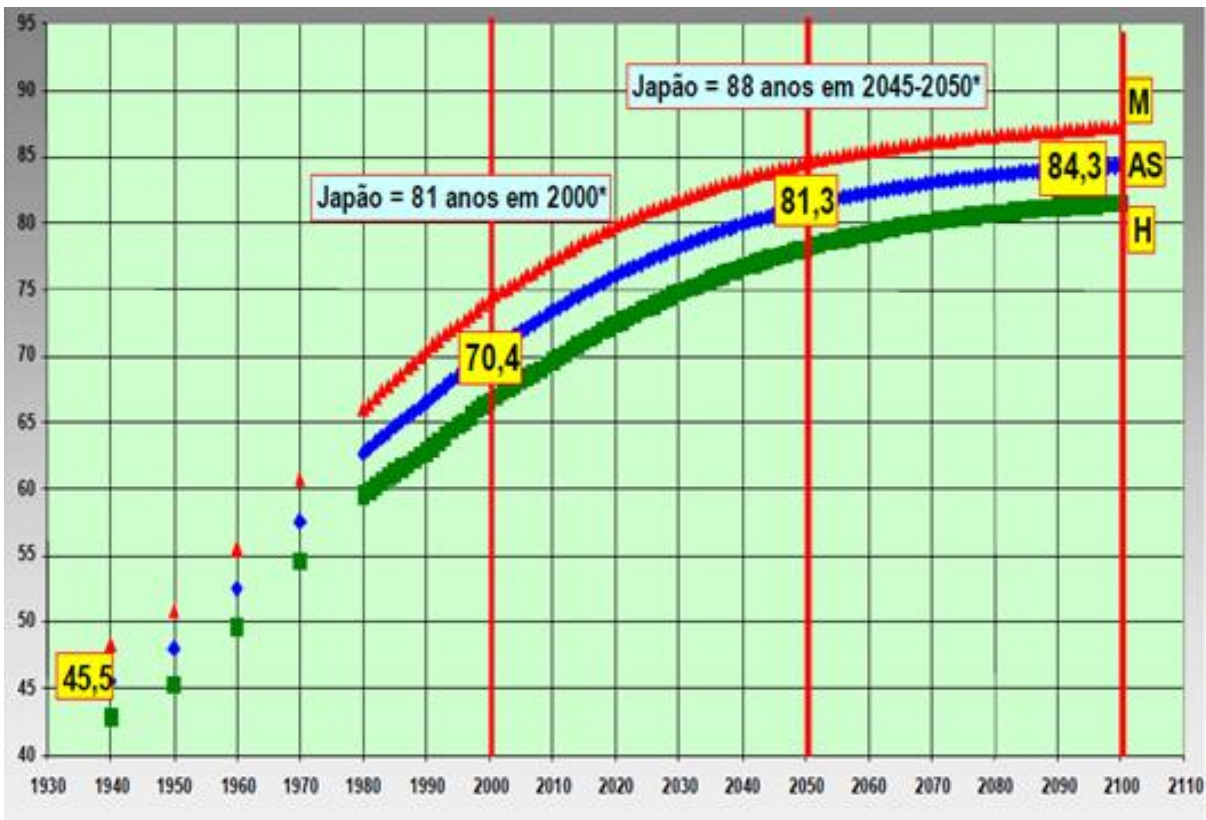
O Brasil é um país jovem de cabelos brancos, pois devido aos avanços da medicina e às melhores condições de vida da população brasileira, podemos dizer que o brasileiro está vivendo mais. Observamos através de dados do IBGE que, nos anos 70, a população brasileira era de 93 milhões, enquanto, em 2004, esse número subiu para 182 milhões, ou seja, em 34 anos a população brasileira praticamente duplicou. (IBGE, 2004)

Em 2006, a população total era de 187,2 milhões de habitantes, dessa população, os idosos representavam 19 milhões de pessoas com 60 anos ou mais de idade. (IBGE, 2007)

Estima-se que, no Brasil, em 2050, o número de habitantes, será de 259,8 milhões e os idosos somarão 34,3 milhões, ou seja, 13,2% da população. (IBGE, 2006)

Para se ter uma idéia desse aumento, o IBGE também mostra que a expectativa de vida do brasileiro nos anos 40 não chegava aos 50 anos – era de apenas 45,5 anos, porém, nos anos 80, esse número mudou, passando para 62,6. Em 2000, a expectativa de vida passou para 70,4. Conforme demonstração do IBGE, esse número não parará de crescer, pois em 2050, segundo projeção, o Brasil terá um patamar de vida média chegando a 81,3 anos – basicamente o mesmo nível do Japão (81,6 anos), o primeiro colocado no ranking. (IBGE, 2004)

Gráfico 6 - Evolução da esperança de vida ao nascer, por sexo - Estimativas e Projeção – Brasil: 1940 / 2100



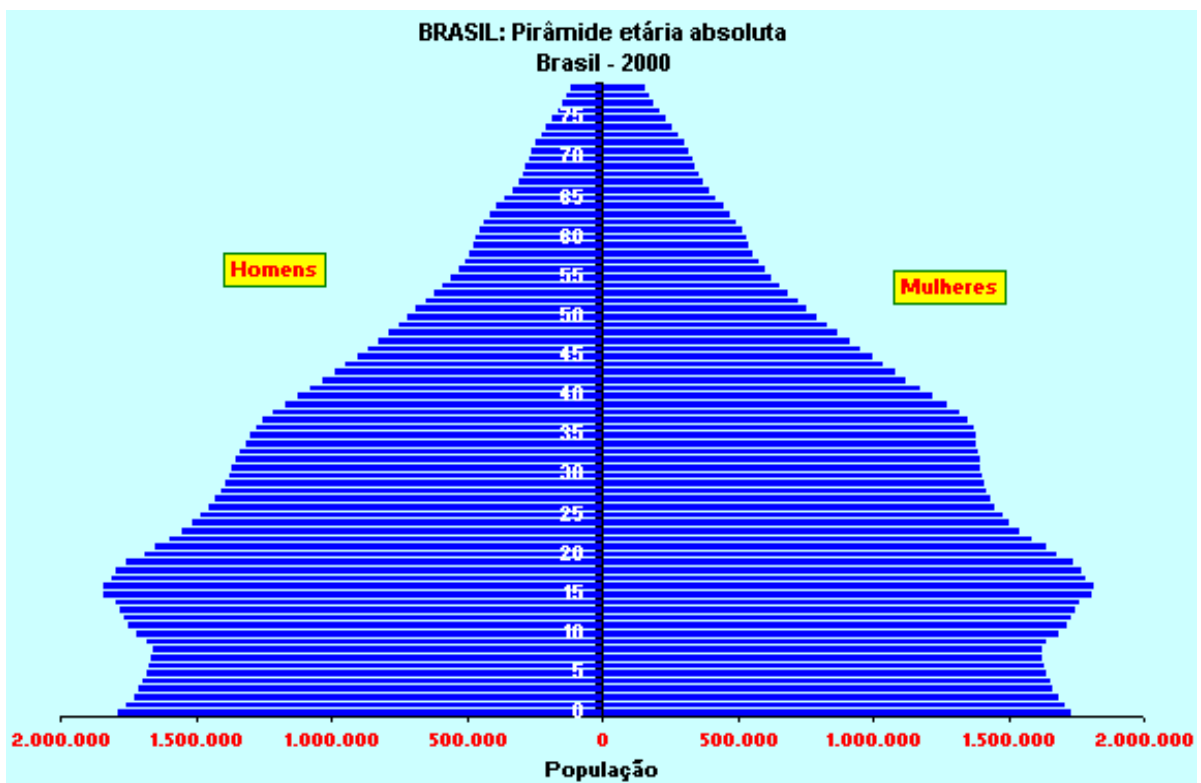
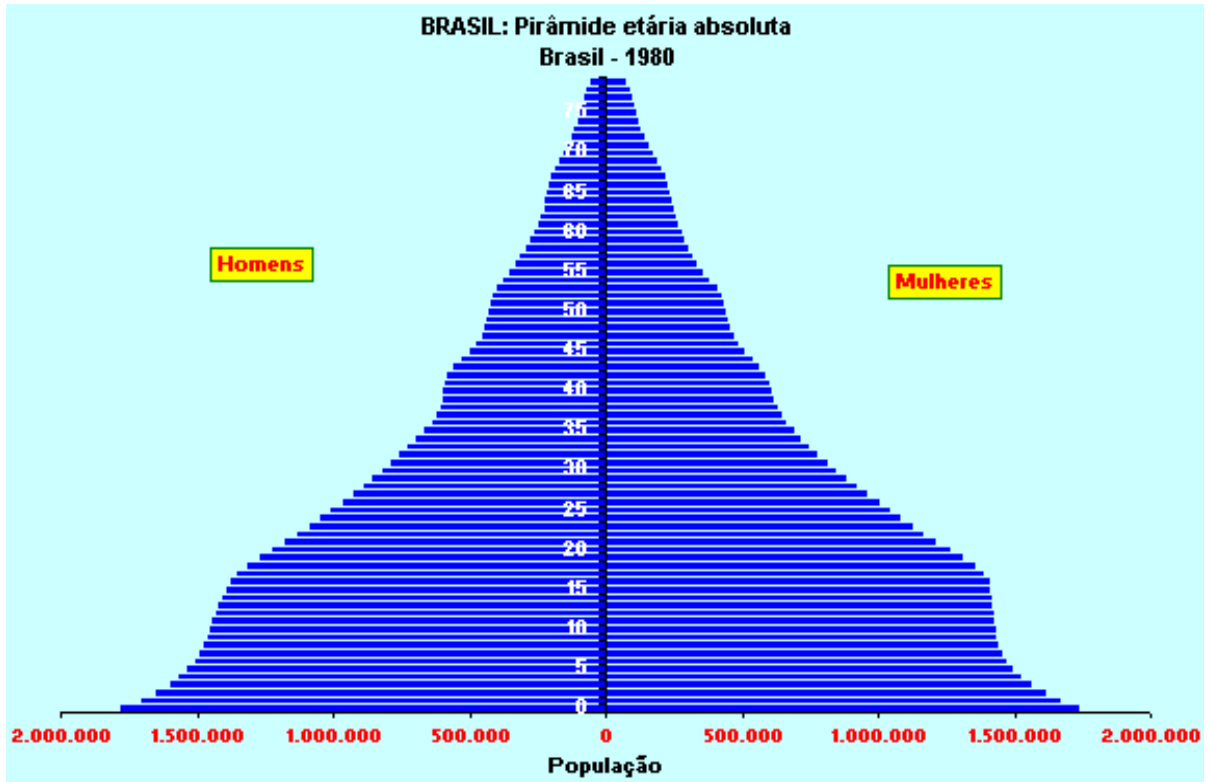
Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1950-2000. Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 1980-2050

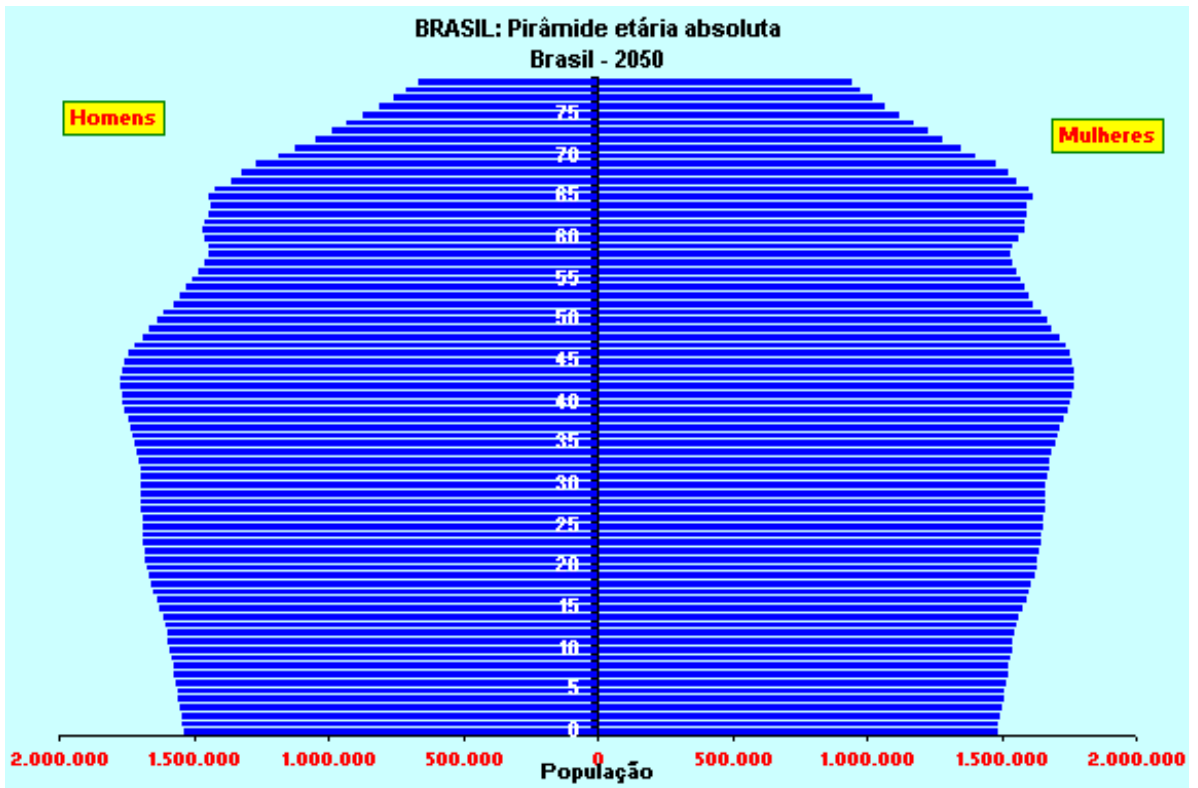
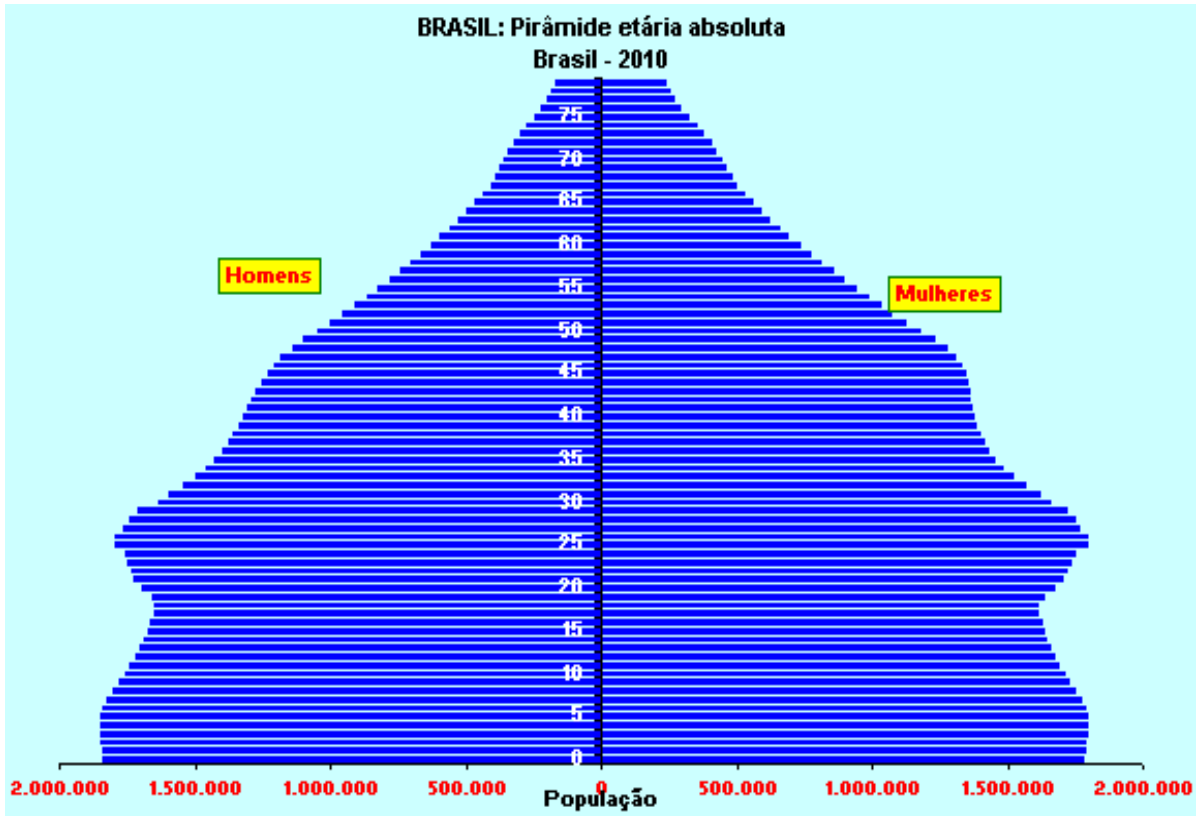
Com o cenário apresentado acima, podemos concluir que a longevidade da população brasileira está aumentando cada vez mais e que o envelhecimento populacional vem acompanhado de desafios, como o próprio sistema de proteção social, pois sabemos que as redes públicas de saúde não estão preparadas para tal situação.

Os resultados da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS) permitem observar que a taxa de fecundidade manteve sua tendência de queda, atingindo, em 2006, o valor de 1.8 filhos por mulher. *(MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006)*

Em decorrência da redução dos níveis de fecundidade, do aumento dos níveis de mortalidade dos adultos jovens (relacionadas à violência) no Brasil a partir de meados dos anos 80, e com o avanço da medicina – que proporcionou o aumento da expectativa de vida dos brasileiros, a população idosa aumentou gradativamente. Hoje, a pirâmide etária da população brasileira revela o aumento da participação dos idosos e redução da participação de crianças e jovens. *(IBGE, 2004)*

As pirâmides etárias que se seguem revelam as transformações pelas quais passará a estrutura de sexo e idade da população brasileira ao longo do período 1980 –2050. *(IBGE, 2004)*





De acordo com as quatro pirâmides etárias apresentadas acima, podemos destacar que, em 1980, a imagem que tínhamos era de um formato tipicamente triangular, o qual foi se transformando e cedendo lugar a uma pirâmide populacional característica de uma população em processo de envelhecimento, logo podemos observar a alteração de um formato para o outro. Essa mudança na estrutura está relacionada ao comportamento demográfico do País mencionado anteriormente.

Essa mudança demográfica também gera uma alteração no comportamento dentro do âmbito familiar. Hoje, observa-se que o idoso tem um papel fundamental no sustento da família, na qual, muitas vezes, a única fonte de renda é a sua aposentadoria.

Camarano (2006) revela que a maior parte da renda dos idosos provém dos benefícios da seguridade social.

“Muitos idosos, são hoje, os mantenedores da família (...)” (MENDES; BELLINI, 2004, p.163)

Pesquisa realizada pelo PNAD em 1996 revelou que 45% da renda familiar no Brasil provém dos idosos. Outra pesquisa realizada pelo IBGE em 2000 (“Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios”) reiterou essa tendência, revelando que 62,4% dos idosos são responsáveis pelos domicílios. *(PNAD, 1996 e IBGE, 2000)*

Atualmente, o mercado de trabalho brasileiro apresenta uma particularidade: o aposentado permanece exercendo suas atividades, pois o trabalho representa para o idoso aposentado, além de renda elevada, uma autonomia física e mental e uma maior integração social. *(IPEA, 2009)*

Outra tendência esperada e decorrente do envelhecimento da população é a presença do crescimento das famílias consideradas unipessoais, isto é, idosos morando sozinhos. Outros fatores que irão contribuir para essa tendência são: a viuvez, o crescimento dos divórcios e a proporção de pessoas que nunca se casaram. *(CAMARANO, 2003)*

É sabido que o processo de envelhecimento, por si só, provoca diversas mudanças no organismo em geral, como perda de massa muscular, diminuição do sono, lentidão no metabolismo, tendência à perda das sensações – principalmente a do paladar, dentre outras, mas precisamos entender que é cada vez maior o número de pessoas que estão passando dos sessenta anos, e que, mesmo assim, atingem essa idade apresentando boas condições físicas e mentais, portanto, a qualidade da longevidade, também depende do histórico vivido pela pessoa. (ARTIGONAL, 2008)

Nos países desenvolvidos, o idoso é tratado de forma diferente, pois é respeitado e possui papéis sociais importantes para a manutenção econômica do país. (MENDES; BELLINI, 2004)

No Brasil, sabemos que o idoso enfrenta preconceitos apenas por ser idoso e aposentado, isso devido à cultura. O idoso é visto como incapaz, improdutivo, frágil e dependente, mas, mediante trabalhos direcionados à Terceira Idade, essa realidade vem demonstrando ser falsa e tem sido possível comprovar que o idoso muito tem a contribuir na sociedade. Sendo assim, esse preconceito é considerado um tipo de juízo provisório. (MENDES; BELLINI, 2004)

Nesse cenário, pode-se dizer que o Brasil deverá acordar para os direitos do idoso e não só mostrar isso através de leis e papéis, mas sim, através de atitudes.

A POPULAÇÃO IDOSA NA CIDADE DE SÃO PAULO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) definiu que a velhice se inicia aos 60 anos nos países em desenvolvimento, já nos países desenvolvidos, essa idade sobe para 65 anos. (PREFEITURA, 2009)

Segundo dados da Fundação Seade/IBGE, junho de 2005, havia, na cidade São Paulo, 1.085.150 de pessoas com 60 ou mais anos de idade, o que representava 10% da população do município. (PREFEITURA, 2009)

Existe em São Paulo o “Grande Conselho Municipal do Idoso – GCMI”, que nasceu para defender os direitos dos idosos, esse foi criado no ano de 1992 e oficializado através da Lei Municipal 11.242. O Conselho tem a finalidade de propor políticas de proteção e de assistência aos idosos do município de São Paulo. Além disso, ele defende causa dos idosos de forma abrangente, entre outros, nos campos de Governo, Habitação, Saúde, Transporte e Assistência Social.

Além do Conselho, também existe o “Fórum do Cidadão Idoso da Cidade de São Paulo”, o qual se constitui como um movimento de organização da sociedade civil. Como não possui representação jurídica, funciona em conjunto com várias forças sociais, como: grupos de idosos, conselheiros municipais, idosos da comunidade, entidades sociais, associações, setores educacionais e de pesquisa, grupos informais, profissionais do campo da gerontologia e instituições públicas e privadas.

Abaixo são apresentados os serviços de Proteção Social Básica e Proteção Social Especial prestados à população idosa em São Paulo. (*PREFEITURA, 2009 – CARTILHA, 2009*)

PROTEÇÃO SOCIAL BÁSICA

Centro de Referência da Cidadania do Idoso - CRECI@: fica situado na região do Vale do Anhangabaú e atende mensalmente 2.700 idosos. O CRECI@ executa atividades diversificadas de caráter intersetorial (de convívio, de estar e entretenimento, de defesa de direitos, educativas e informativas), através de eventos, oficinas, palestras, entre outras.

No centro também há palestras educativas focadas em gerontologia e capacitações, ministradas por profissionais de diversas áreas.

Núcleos de Convivência de Idosos – NCI: são espaços de estar e convívio para idosos de ambos os sexos, que oferece atividades educativas, esportivas, culturais, de recreação e de lazer, entre outras. Na cidade de São Paulo existem 86 núcleos.

Centros de Convivência Intergeracional: são espaços de convívio e desenvolvimento relacional e intergeracional, por meio de trabalho social e sócio-educativo da população do distrito em que está instalado. Os centros totalizam 18 unidades.

Ainda relacionado à “Proteção Social Básica”, temos também o Benefício de Prestação Continuada – BPC. Esse benefício é um direito assegurado por lei e regulamentado pela Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS, Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993. O valor do benefício é de um salário mínimo mensal, e é direcionado a idosos com idade de 65 anos ou mais cuja renda per capita da família é inferior a $\frac{1}{4}$ do salário mínimo vigente, e a pessoas com deficiência, em qualquer idade, incapacitadas para a vida independente e para o trabalho, cuja renda per capita familiar é inferior a $\frac{1}{4}$ do salário mínimo vigente.

O benefício é requerido nas agências do INSS. Estando o indivíduo incluso no BPC, o mesmo recebe do banco um cartão magnético feito especialmente para a retirada do benefício. Para maiores informações sobre o BPC, é só acessar o site www.mds.gov.br.

PROTEÇÃO SOCIAL ESPECIAL

É um atendimento assistencial destinado a famílias e indivíduos que estão em situação de risco pessoal e social, devido: ao abandono, aos maus-tratos físicos e/ou psíquicos, ao uso de substâncias psicoativas, ao abuso sexual, à situação de rua e a outros motivos. Os programas e serviços destinados aos idosos são:

Programa Apoio Sócio Alimentar: atende os idosos com mais de 60 anos, e entrega, de segunda a sexta-feira das 11h às 14h, uma refeição composta por arroz, feijão, um tipo de carne, uma sopa, uma salada, pão e frutas. Esse alimento é entregue na porta da casa de idosos que moram no Centro de São Paulo e proximidades, os beneficiados têm mais de 60 anos, moram sozinhos e, em geral, já não conseguem cozinhar.
(PREFEITURA, 2007)

Abrigos para Idosos: atendimento integral a idosos independentes, oferece alojamento provisório e garante acolhimento digno e resgate da cidadania. Há 2 abrigos na cidade, localizados nas subprefeituras da Sé e Mooca. O número de vagas é de 130.

Albergue: albergamento provisório para idosos independentes, em situação de rua, com o objetivo de acolher e preparar adultos para o alcance da autonomia pessoal e social. Há 26 albergues na cidade. O número de vagas é de 701.

Moradias Provisórias: moradia provisória para idosos independentes e socialmente ativos, que possam realizar gestão cotidiana da residência, com o objetivo de alcançar autonomia pessoal. Há 2 moradias provisórias na cidade, um no Centro e outro na Vila Mariana. O número de vagas é de 24.

ÓRGÃOS DE DEFESA DOS DIREITOS DA PESSOA IDOSA

Delegacia de Proteção do Idoso

Endereço: Estação República do Metrô

Horário: de segunda a sexta-feira, das 9 às 18 horas

Tel.: (11) 3256-3540 e 3237-0666

Promotoria de Atendimento ao Idoso do Ministério Público

Rua Riachuelo, 115, 1º andar

Horário: de segunda a sexta-feira, das 13 às 19 horas

Tel.: (11) 3119-9082 e 3119-9083

GAEPI - Grupo de Atuação Especial de Proteção ao Idoso

Rua Riachuelo, 115, 1º andar

Tel.: 3119-9082 / 3119-9083

NAI - Núcleo de Atenção ao Idoso

(Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo)

Rua Ministro de Godoy, 180 Parque da Água Branca
Tel.: 3874-6904 / 3874-6875

Conselho Estadual do Idoso
Rua Antônio de Godoy, 122, 11º andar - Santa Ifigênia
Tel: 3362-0221 / 222-1229

TRANSPORTE GRATUITO

Metrô - Para se ter direito ao “bilhete especial do idoso”, o idoso tem que ter 65 anos ou mais, e precisa comparecer à estação Marechal Deodoro, portando o documento de identidade. O atendimento é de segunda a sexta-feira, das 8:30 às 16 horas.

Trens metropolitanos - Para obtenção do passe, as pessoas com 65 anos ou mais devem dirigir-se ao “Balcão de Atendimento ao Idoso”, localizado na estação Júlio Prestes, portando carteira de identidade, comprovante de endereço, foto 3X4, além de fornecer um telefone para contato. Para maiores informações: 0800 550121, das 7 às 18 horas.

Trens de longo percurso - as pessoas que já completaram 65 anos podem fazer viagens de longo percurso, por trem, sem precisar pagar passagem. Para isso, o indivíduo precisa apresentar documento de identidade. Maiores informações: 0800 550121.

Ônibus urbano - Mulheres a partir dos 60 anos e homens a partir dos 65 anos podem utilizar gratuitamente os ônibus que fazem transporte coletivo na capital e não precisam mais usar “carteira do idoso”, basta apresentar qualquer documento de identidade (com foto).

Ônibus intermunicipal - as pessoas que já completaram 65 anos e recebem até dois salários mínimos, podem fazer viagens, em ônibus intermunicipal, sem pagar

passagem. Para isso, o idoso deve reservar a vaga com 48 horas de antecedência. Basta apresentar documento de identidade e comprovar a renda.

Ônibus interestadual - Idosos com 60 anos ou mais, com renda igual ou inferior a dois salários mínimos, tem direito a assento gratuito nas viagens interestaduais de ônibus, de trem e de barco. Basta dirigir-se ao guichê da empresa com documentação e comprovante de renda. Para saber quais as empresas que já estão obrigadas a cumprir a lei, basta ligar para 0800 610300, das 8 às 18 horas.

A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO

A população de rua tornou-se um cenário das grandes cidades do mundo, os moradores de rua são vistos como atores que fazem parte do nosso cotidiano. Em São Paulo, por exemplo, há vários moradores de rua perambulando por toda a cidade.

Trata-se aqui de um segmento social que, sem trabalho e sem casa, acabam utilizando as ruas como único espaço de sobrevivência e fazem dela a sua moradia. Muitas vezes esses locais são disputados entre eles.

A população em situação de rua é constituída por pessoas que não possuem moradia, que vivem nas avenidas, viadutos, marquises, e também pernoitam em albergues, em casas abandonadas, e, muitas vezes, dormem e se alimentam das oferendas de cemitérios.

Existe em São Paulo o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR). Esse grupo é formado por pessoas em situação de rua que visa lutar pelos seus direitos e melhores condições de vida.

LUGARES UTILIZADOS PELA POPULAÇÃO DE RUA

Analisando a questão das pessoas na rua observamos três situações (*Vieira; Bezerra; Rosa – 1994*):

1. Destacam a preferência das pessoas de rua pelas ruas e avenidas. Esses lugares são utilizados pela população como dormitório e, na maioria das vezes, os moradores ficam junto a prédios comerciais, tendo como abrigo as marquises. Dados da Prefeitura de São Paulo reiteram essa tendência com aqueles que ficam ao relento, sem qualquer tipo de abrigo, os pernoites que vivem em ruas e avenidas praticamente nada carregam consigo. Em grande parte dos lugares utilizados por essas pessoas, há aquelas que além de passarem a noite, permanecem na área também durante o dia, mas isso só acontece se a região oferecer alternativas para sua sobrevivência.
2. O local mais utilizado pela população de rua são as praças e largos. Essas pessoas ficam junto a prédios comerciais, públicos e bancos de jardins, com marquises e árvores, as quais servem de abrigo. Esse grupo, que pernoita em praças e largos, tem em seu poder alguns utensílios como caixas, caixotes, carroças e alguns equipamentos de cozinha.
3. O terceiro tipo de logradouro mais utilizado são os viadutos. Destacam-se os que ficam próximos a vias expressas de alto risco. É comum observar que há pessoas morando em viadutos onde a própria cobertura é usada como abrigo e proteção. Também são encontradas pessoas em buracos escavados nas laterais dos viadutos e em espaços aterrados pelo poder público, também são vistos abrigos de madeiras e, muitas vezes, observa-se a tentativa de construção de casas.

“Partindo da definição das Nações Unidas, que considera homeless não só os que vivem na rua, mas também os que estão em habitações que não atendem a necessidades e padrões mínimos de habitabilidade, ter-se-ia na cidade de São Paulo pelo menos quatro milhões de homeless, ou seja, a população que habita cortiços e favelas. Um estudo do canadense Jim Ward, que apresenta dados sobre os homeless no mundo, estima em cem milhões essa população, sendo que, destes, vinte milhões viveriam na América Latina.” (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 1994, p.47-48)

Segundo o Censo do Instituto de Pesquisas Econômicas — FIPE — 2003, é considerado morador de rua *“O segmento de baixíssima renda que, por contingência temporária ou de forma permanente, pernoita nos logradouros da cidade – praças, calçadas, marquises, jardins, baixo de viadutos - em locais abandonados, terrenos baldios, mocós, cemitérios e carcaça de veículos. Também são pessoas em situação de rua aqueles que pernoitam em albergues públicos ou de organizações sociais.”*

No Brasil, não existe uma pesquisa que mostre dados confiáveis e exatos sobre o número de pessoas que vivem nas ruas, isso devido ao comportamento dessa população, pois ela se desloca não só geograficamente, mas também economicamente e socialmente. As pessoas de rua apresentam um comportamento móvel e bastante heterogêneo (formada por famílias, homens, mulheres, crianças e adolescentes), o que torna difícil a tarefa de computar e coletar dados precisos sobre o número de pessoas que, de fato, encontram-se nas ruas das cidades brasileiras. (LEAD, 2006)

Segundo informações da FIPE:

“Os moradores de rua não fazem parte dos censos demográficos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), justamente por causa da ausência de domicílio. Dessa forma, foi criada pela FIPE uma metodologia específica para quantificar essa população e sua distribuição pela cidade, possibilitando a obtenção de dados com margem de erro controlada.” (FIPE, 2007)

O levantamento sobre moradores de rua em São Paulo aconteceu entre 2000 e 2003, sob encomenda da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social do município de São Paulo (SMADS). O censo foi realizado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE). Em 2000, no primeiro estudo, foram identificados 8.088 moradores de rua em São Paulo, entre esses, 4.395 foram encontrados nos logradouros da cidade e 3.693 nos albergues.

Em 2003, foram registradas 10.399 pessoas nessa situação, dessas 4.213 foram localizados nas ruas e 6.186 em albergues. (FOLHA, 2003)

A pesquisa também mostrou que entre os albergados, 92% têm nível de escolaridade básico, 4% possuem nível técnico e 4% nível universitário.

O censo aponta ainda que entre essas pessoas, a faixa etária é distribuída da seguinte forma: 35% têm entre 41 e 55 anos; 32%, entre 26 e 40 e 14% têm mais de 56 anos. (FOLHA, 2003)

“Embora os números sejam significativos, as estimativas apontavam um número ainda maior. Descobrimos, também, que a predominância é masculina, com idade média de 40 anos, de pessoas sozinhas e com problemas de saúde. Além disso, a porcentagem de negros é mais alta do que na população moradora no município.” (SILVIA SCHOR, FIPE 2007)

Na rua, misturam-se o morador tradicional e os que ficam temporariamente nela. Há uma diversidade na classificação dos moradores de rua; todos apresentam pontos em comum no que diz respeito a pobreza, ao fracasso na vida afetiva ou até na profissão e ao desamparo institucional.

É importante dizer que entre a população de rua, o grupo mais significativo é o de homens (que sem condições de prover sustento à família, acabam nessa situação) que vivem sozinhos ou em grupos. Um dos principais pontos encontrados nos dois Censos nos revela que a principal ocupação dos moradores de rua é a de catador de lixo reciclável (papelão, latas de alumínio, etc), e isso nos mostra que eles estão deixando de depender de doações ou da mendicância para sobreviver, afirma Schor: *“É um mito dizer que eles vivem só de esmolas. Com a catação de lixo, eles conseguem uma renda monetária, embora ela seja muito variável.”* (COM CIÊNCIA, 2009)

Silvia Schor ainda ressalta que é preciso fazer uma distinção entre aqueles que vivem e dormem nas ruas e os que vivem em albergues, pois muitos dos albergados, tendo melhores condições para manter sua higiene, conseguem preservar sua aparência, e devido a isso, até possuem empregos. A maioria, por exemplo, trabalha como vigia, garçom, ajudante de mecânico, ajudante de pedreiro e pintor. (COM CIÊNCIA, 2009)

Segundo o site “Sem Teto”, temos a seguinte classificação dos moradores de rua: (SEM TETO, 2007)

- os recém-deslocados, passaram a essa condição à pouco tempo e ainda encontram-se amedrontados. Por isso, esse grupo tende a procurar instituições de apoio e também mantém uma ligação com a vida que levavam acreditando que voltaram a viver na sociedade.

- os vacilantes são aqueles que já se familiarizaram com o ambiente e perderam a esperança de melhorar de vida. Já se contentaram com essa realidade e por isso também sabem se virar muito bem para arrumar, alimento, abrigo e companhia. Esse grupo ainda está dividido entre o mundo das ruas e mundo em que vivem.

- os “outsiders” são os moradores que já se contentaram totalmente com a situação em que vivem e não reagem para que isto mude. Este grupo ainda se divide em três outros grupos que virão a seguir.

- os andarilhos são aqueles que vivem caminhando pela cidade e para se sentirem independentes, nunca tem um rumo certo. Eles mudam de nome, não aceitam nenhum tipo de caridade e menosprezam quem o faz.

- os mendigos são um grupo que não trabalha, praticamente não se movem de lugar e passam a maior parte do tempo bêbados. Aceitam esmolas e fazem trabalhos com reciclagem mas por saberem que não há muita esperança, passam grande parte de seu tempo bêbados.

- os doentes mentais são aqueles que vivem mais isolados, dependem de doações e costumam não se locomover muito.

Geralmente, os moradores de rua não possuem documentos que os identifiquem como cidadãos, como por exemplo, RG, CPF, etc. Normalmente, eles tiram os documentos, mas logo os perdem novamente.

Em relação ao contato com a família, foi constatado que a maioria dos moradores de rua possui família, dentre esses, aproximadamente metade mantém alguma forma de contato com os seus familiares, mas em decorrência do aumento do tempo de rua, esse indivíduo passa a ter menos proximidade com sua família, ou seja, diminui a frequência em relação aos contatos. (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 1994)

Nas Casas de Convivência, encontram-se os que possuem mais tempo de rua, nos abrigos predominam os que são mais recentes na rua, enquanto nos albergues não foram levantados dados sobre o tempo de rua das pessoas, mas o que se sabe é que já haviam dormido na rua anteriormente. (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 1994)

Existem também as pensões (em situações precárias), mas para usufruir, precisam arcar com o aluguel, e sem recursos não possuem a mínima chance de pagar por elas. Já os alojamentos de obra ou depósitos de papelão, também são alternativas, mas para isso, o indivíduo precisa estar trabalhando no local.

Frente a essa situação, o que resta são os albergues (não pagos), porém nessas instituições existe prazo de permanência, e, além disso, o sistema de funcionamento, o controle, o caráter disciplinador e repressivo de algumas delas, faz com que muitos desabrigados prefiram a rua. Mas dormir na rua tem seu preço. Os que pernoitam em espaço público sofrem violência de seus iguais, isso devido a diversidade apresentada entre eles. Para se defender, essas pessoas usam estratégias como dormir em grupo, pois de algum modo, esse agrupamento representa segurança, além da proteção mútua. Há também, entre esses indivíduos, um sistema de trocas, como a repartição dos bens (pinga, cigarro, comida). (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 1994)

O cotidiano dessas pessoas passa a ser caracterizado por referências como as bocas de rango e as instituições assistenciais. É comum encontrá-los em locais da cidade onde se reúnem pessoas na mesma situação.

Em torno desse contexto, a rua torna-se, então, espaço de moradia e sobrevivência, e fica cada vez mais difícil sair dela.

Vejamos algumas diferenças entre os termos utilizados:

FICAR NA RUA¹ - está ligado às pessoas que além de não possuírem recursos financeiros para pagar alguma pensão, não conseguem vaga em albergue e estão desempregadas ou são recém-chegadas na cidade e não têm para onde ir. Esses indivíduos normalmente sentem-se desvalorizados e demonstram medo em dormir na rua. Além disso, rejeitam a sua identificação como moradores de rua e, dessa forma, procuram distanciar-se deles. (LEAD, 2006)

FICAR NA RUA² - representa uma situação recente de desemprego ou de qualquer outro motivo que leva o indivíduo a não ter onde morar (migrantes recentes, pessoas em busca de tratamento médico, dentre outros). Como a rua causa receio nessas pessoas, elas vão em busca de albergues ou pensões enquanto possuem algum dinheiro, procurando manter contato familiar frequente e tendo, ainda, um projeto de vida. (SCIELO, 1998)

ESTAR NA RUA¹ - esse grupo já não apresenta tanto medo de dormir na rua, pois já não a considera tão ameaçadora, na verdade, adotam a rua como local de pernoite e começam manter ligações com as pessoas que vivem nela. Eles procuram empregos ou fazem "bicos" e frequentam lugares onde distribuem comida gratuita. Esse grupo apresenta-se como trabalhadores desempregados para tentarem se diferenciar dos moradores de rua. (LEAD, 2006)

ESTAR NA RUA² - situação caracterizada pela permanência mais prolongada na rua, na qual os pernoites se dão em logradouros e iniciam-se relações com indivíduos na mesma situação. Essas pessoas consideram-se trabalhadores desempregados, pois ainda têm perspectivas de sair da rua, ao mesmo tempo em que os contatos familiares são menos freqüentes. (SCIELO, 1998)

SER DA RUA¹ - quanto mais tempo na rua mais difícil fica sair dela, e, com o passar do tempo, o indivíduo apresenta precariedade em relação à higiene e o uso constante de

álcool passa a ser realidade. Nessas condições, fica extremamente difícil a sua aceitação em alguma empresa, na construção civil ou em trabalhos temporários.

Portanto, essas pessoas passam a ter um cotidiano sem rumo, no qual a rua se torna o espaço principal de moradia, e de forma praticamente definitiva. Suas referências são: as bocas de rango, instituições assistenciais e determinados lugares da cidade onde se reúnem as pessoas com essas mesmas condições. (LEAD, 2006)

SER DA RUA² - o que melhor define esse grupo populacional, é o fato da rua passar a ser seu lugar de referência e o seu espaço de relações. Assim, o físico das pessoas submetidas a esta vida se modifica, em função das condições limitantes em termos de alimentação e higiene e pelo uso de bebidas alcoólicas e/ou drogas. (SCIELO, 1998)

O IDOSO EM SITUAÇÃO DE RUA

O Estatuto do Idoso deixa claro no Art. 9º da lei n. 10.741 de 2003 que: *“É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade.”*

O ritmo acelerado do crescimento populacional traz consigo grandes desafios para o País. Um dos desafios é se programar para políticas públicas que garantam ao idoso uma velhice tranquila e que permitam que ele viva com dignidade, mas o que as pesquisas mostram é que uma das características da população que envelhece no Brasil é a pobreza. Muitos idosos vivem de aposentadoria, pensões e benefícios, mas sabemos que a renda que provém da Seguridade Social muitas vezes só dá para a compra de remédios, isso quando não nos deparamos com idosos em situação de miséria, desprovidos de tal proteção capaz de lhes assegurar a manutenção das necessidades básicas de vida.

O idoso por si só é discriminado, agora imaginamos o que passa um idoso em situação de rua, que vive, ou melhor, que sobrevive, em um país onde a cultura tem uma visão

distorcida da velhice, e considera o idoso incapaz, improdutivo e dependente. E o morador de rua então? Esse é visto, ou melhor dizendo, nem é visto, mas sim discriminado por um povo provido de preconceitos, que o nomeia como o feio, o sujo, o sem teto, o andarilho, o louco, o mendigo, o marginal e o malvado. Essa visão nos faz pensar que o morador de rua é visto como um ser assustador perante a nossa sociedade.

O sujeito que vive nessa situação apresenta uma característica geral da população de rua que é o isolamento, e, quanto maior o tempo de permanência na rua, mais difícil sair dela, fora o comprometimento da saúde mental e física, que são consequências dessa situação.

“os idosos relatam muitas perdas, a dos familiares, a casa, embora humilde, o emprego, os pertences e até a saúde. Há tanto anos estão nas ruas, que muitos nem conseguem precisar o tempo exato.” (BULLA; MENDES; PRATES, 2004, p.147)

Algumas dessas pessoas que estão nas ruas, muitas vezes nem conseguem resgatar a memória, e nem sequer lembram de sua história.

“(...) o fato de não se ter memória representará não ter história, e, não tendo história pessoal, o homem não possui identidade.” (BULLA; MENDES; PRATES, 2004, p.142)

“Percebe-se que o trabalho infantil, na vida dos atuais idosos, acarretou uma série de prejuízos de aprendizado, além dos emocionais e afetivos. Não houve chances de um futuro melhor. Constata-se, também, que muitos desses idosos não estão conseguindo comprovar o tempo dedicado ao trabalho para a aposentadoria, muitas vezes, por ignorar essa possibilidade, pois trabalharam no campo durante a maior parte de suas vidas. O morador de rua idoso entrevistado não freqüentou a escola quando criança e também não está aposentado. O trabalho desde a infância não lhe garantiu estabilidade na velhice.” (BULLA; MENDES; PRATES, 2004, p.150)

Os serviços que são prestados a essa população continuam sendo de natureza emergencial, aí perguntamos, onde está o direito da pessoa idosa a proteção, à vida e à saúde, uma vez que esses sofrem, não apenas pelo estágio genético natural da idade, mas também pela vulnerabilidade que faz parte de seu cotidiano. Esses idosos são desamparados, mantidos em isolamento como se fossem privados de sua condição de seres humanos; são pessoas desprovidas do respeito e da dignidade a que têm direito. Essa ausência de condições dignas de sobrevivência do idoso em situação de rua só reforça o quanto as políticas públicas não estão preparadas para enfrentar a longevidade da população do País, e, sob essa lógica, fica aqui uma questão a ser repensada em relação ao envelhecimento das pessoas em situação de rua e no que diz respeito à diferença entre caridade e justiça no cumprimento da legislação.

Viver nas ruas, em albergue, abrigo ou casa de convivência não é o que uma pessoa deseja para sua velhice, mas o que resta a esses idosos, senão essa opção?

O idoso morador de rua utiliza a caridade pública das pessoas e das instituições assistências, particulares e públicas e também define os espaços onde ele possa buscar seus alimentos. Esses idosos demonstram ter conhecimento de todos os locais onde são oferecidos alimentos, conhecem os dias da semana e seus horários de distribuição, essa estratégia faz parte de sua sobrevivência. (BULLA; MENDES; PRATES 2004)

Preconceito, rejeição e desvalorização, são expressões da exclusão, e o idoso em situação de rua passa por todos esses estágios dramáticos. O simples fato de ser “velho” já é o suficiente para ser vítima de tal exclusão.

Giorgetti, 2006, em “*Moradores de Rua: Uma questão social?*”, revela que o primeiro fator que leva uma pessoa a viver nas ruas está relacionado ao alcoolismo, o segundo fator é a ruptura familiar e o terceiro diz respeito ao desemprego.

Conforme a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua (realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS) de Abril de 2008, as razões são similares:

1. Alcoolismo e/ou drogas;
2. Desemprego;
3. Desavenças com pai, mãe e irmãos.

Capítulo 2 - AS POLÍTICAS SOCIAIS PARA IDOSOS E MORADORES DE RUA

POLÍTICAS INTERNACIONAIS DO IDOSO

A primeira Assembléia Mundial do Envelhecimento aconteceu no ano de 1982 em Viena, foi realizada pela Organização das Nações Unidas e abordou o assunto envelhecimento. Ela foi considerada o marco inicial para a afirmação de uma agenda internacional de políticas públicas voltadas para a população idosa, o que resultou na aprovação de um plano global de ação, que tinha como objetivos garantir ao idoso segurança econômica e social e reconhecer as oportunidades para a sua integração ao processo de desenvolvimento dos países.

66 recomendações referentes às áreas de proteção ao consumidor idoso, saúde e nutrição, família, bem-estar social, previdência social, moradia, meio ambiente, trabalho e educação foram firmadas e apresentadas aos estados membros. Um dos principais resultados do Plano de Viena foi a colocação de questões ligadas ao envelhecimento individual e da população na agenda internacional, sendo o foco na situação de bem-estar social dos idosos nos países desenvolvidos.

É verdade que, no Brasil, um país considerado em desenvolvimento, há grandes desafios para o sistema de proteção social e muitas dificuldades para expansão de nossos projetos, porém, vamos recordar os avanços que já conseguimos, mesmo que paulatinamente.

A partir do Plano Internacional de Ação para o Envelhecimento de 1982, o Brasil passou a considerar, de forma mais frequente, esse tema na sua agenda política. Mesmo antes do plano internacional acontecer, os brasileiros já vinham se organizando para lutar pelas reivindicações da população idosa. (IPEA, 2009)

A 2ª Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento aconteceu no ano de 2002 em Madri. A assembléia ocorreu em um contexto bastante diferente do de Viena, ressaltando-se a

colaboração estabelecida entre o Estado e a sociedade civil. Foram aprovados uma nova declaração política e um novo plano de ação, sendo que este deverá servir de orientação à adoção de medidas normativas sobre o envelhecimento no início do século XXI.

O plano de ação fundamenta-se em três princípios básicos:

- Participação ativa dos idosos na sociedade, no desenvolvimento e na luta contra a pobreza;
- Fomento da saúde e do bem-estar na velhice: promoção do envelhecimento saudável;
- Criação de um entorno propício e favorável ao envelhecimento.

Espera-se que o plano de ação exerça uma ampla influência nas políticas e programas dirigidos à população idosa em todo o mundo. *(IPEA, 2009)*

POLÍTICAS NACIONAIS DO IDOSO

A LEGISLAÇÃO DO IDOSO NO BRASIL

- Em 1977, foi criada a Associação Cearense Pró-Idosos (Acepi), cujo objetivo era reivindicar os direitos dos idosos e firmar trabalhos junto com o governo federal e, dessa forma, organizar entidades de atenção a eles;
- Em 1984, foi criada a Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas (Cobap). Esse movimento teve início na década de 1960 com a criação da União dos Aposentados e Pensionistas do Brasil;
- Em 1985, foi criada a Associação Nacional de Gerontologia (ANG). Órgão técnico-científico de âmbito nacional, voltado para a investigação e prática científica em ações de atenção ao idoso;
- Em 1988, houve um grande avanço em políticas de proteção social aos idosos brasileiros. Referência à Constituição da República Federativa do Brasil de 1988,

- a qual levou em consideração algumas orientações da Assembléia de Viena, inserindo o conceito de seguridade social e o do direito a cidadania (IPEA, 2009);
- Em 1993, foi decretada e sancionada a lei n. 8.742, conhecida como lei LOAS (LEI ORGÂNICA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL) o seu 1º artigo assegura: “A assistência social, direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que prove os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas.” No Artigo 2º um dos objetivos da assistência social é: “a garantia de 1 (um) salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provida por sua família.” (PLANALTO, 2009);
 - Em 1994 foi decretada e sancionada a lei n. 8.842 que se refere à Política Nacional do Idoso, cujo 1º artigo assegura que “A política nacional do idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade.” Já no 2º Artigo é assegurado que “Considera-se idoso, para os efeitos desta Lei, a pessoa maior de sessenta anos de idade.” (PLANALTO, 2009);
 - Em 1º de Outubro de 2003 foi sancionada a lei nº 10.741, conhecida como Estatuto do Idoso (PLANALTO, 2009).

Vejamos aqui alguns artigos relacionados à Constituição Federal, Política Nacional do Idoso (Lei Federal nº 8.842 de 1994) e do próprio Estatuto do Idoso (Lei Federal nº 10.741 de 2003):

- O Art. 230 da Constituição Federal do Brasil de 1988 atribui que “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.”
- O Art. 3º, II da lei n. 8.842 de 1994 (Política Nacional do Idoso) assegura que “o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos.”

- Conforme Art. 9º da lei n. 10.741 de 2003 (Estatuto do Idoso), *“É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade.”*
- Conforme o Art. 39 da lei n. 10.741 de 2003 (Estatuto do Idoso), *“Aos maiores de 65 (sessenta e cinco) anos fica assegurada a gratuidade dos transportes coletivos públicos urbanos e semi-urbanos, exceto nos serviços seletivos e especiais, quando prestados paralelamente aos serviços regulares”*. O § 2º do Art. 39 concebe que *“Nos veículos de transporte coletivo de que trata este artigo, serão reservados 10% (dez por cento) dos assentos para os idosos, devidamente identificados com a placa de reservado preferencialmente para idosos.”*

Porém, a própria constituição entra em contradição no que diz respeito às informações asseguradas aos nossos idosos. Vejamos a lei **n. 10.741 de 2003** no Art.1º: *“É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos”*, enquanto isso, na própria lei, no Art. 34 (Estatuto do Idoso) é dito que *“Aos idosos, a partir de 65 (sessenta e cinco) anos, que não possuam meios para prover sua subsistência, nem de tê-la provida por sua família, é assegurado o benefício mensal de 1 (um) salário-mínimo, nos termos da Lei Orgânica da Assistência Social – Loas.”*

Então perguntamos, como fica o idoso de 60 até 64 anos em relação a esse benefício? E se a família não possui condições de assumi-lo e se ele não tem meios para se sustentar, esse idoso fica sem o direito a assistência social? É isso?

Vejamos um exemplo abaixo de como os idosos são tratados e respeitados em um lugar fora do Brasil.

“A cidade de Lausanne, na Suíça, tirou os idosos dos hospitais quando podem ou preferem ficar nas suas casas. Voluntários treinados, normalmente vizinhos, encarregam-se mediante pequena remuneração da prefeitura de cuidar das atividades

que os idosos não podem enfrentar sozinhos, como compras, banho ou outras necessidades diferenciadas. Não se trata aqui de um funcionário público que cuida do idoso, mas de uma pessoa da vizinhança que cria relações de amizade. Economiza-se o leito hospitalar, capitaliza-se a residência que o idoso já tinha, e aproveita-se o capital de boa vontade de pessoas que efetivamente gostam de cuidar dos outros.” (DOWBOR, 2002, p.73- 74)

O que estamos assistindo é o contrário, pois aqui no Brasil é fato corriqueiro ouvimos falar que tal idoso foi abandonado no asilo pela própria família, foi esquecido em algum hospital, instituição, onde nem se quer é lembrado por seus familiares, enfim, o que estamos acostumados a ouvir é que o idoso João, o idoso José é quem sustenta a família (filhos, netos etc), isso devido a situação econômica dos familiares próximo desse ou daquele idoso.

“É crescente a proporção de famílias que têm idosos como chefes e filhos morando junto... Pode-se dizer, em geral, que o idoso está em melhores condições de vida que a população mais jovem: ganha mais, uma parcela maior tem casa própria e contribui significativamente na renda familiar. Não se quer dizer com isso que o idoso está em boas condições em termos absolutos. Nas famílias cujos idosos são chefes, encontra-se uma proporção expressiva de filhos morando junto, proporção que cresce com o tempo.” (CAMARANO, 1999, p. 27- 53)

Em se tratando da saúde pública não podemos nos esquecer do que aconteceu na Clínica Santa Genoveva, no Rio:

“(...) 94 idosos morreram em dois meses por falta de higiene ou tratamento adequado, na maior tragédia ocorrida em um hospital brasileiro. Estas vítimas, a maioria abandonada pela família, não recebiam um mínimo sequer de cuidados ou higiene. A cozinha e as enfermarias foram flagradas imundas, pacientes tinham suas roupas de cama sujas de fezes, ninguém possuía dieta especial e muitos recebiam ração de cachorro misturada à comida. O problema mais grave, no entanto, foi a péssima

qualidade da água servida. Um exame descobriu que estava cheia de coliformes fecais e das bactérias shigella e salmonella.” (ISTOÉ, 1996)

*“Entre janeiro e maio de 1996, 156 idosos morreram na Clínica Santa Genoveva, no Rio de Janeiro. A mortalidade mais alta foi observada em maio: 143/1.000 internações.”
(BIBLIOTECA NET, 2009)*

POLÍTICAS SOCIAIS PARA MORADORES DE RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO

COOPAMARE - Cooperativa de Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis: projeto de auxílio a moradores de rua realizado pela OAF (Organização e Auxílio Fraternal), o qual sofreu uma perseguição na gestão de Jânio Quadros (prefeito de São Paulo na época), mas, na década de 90, a cooperativa cresceu graças ao apoio dado pela prefeita Luíza Erundina (1989-1992), a prefeita liberou verbas e um terreno extenso para a cooperativa.

Em 1989, foi estabelecido um fórum (entre vários outros) da população de rua, constituído em parceria com o Estado e a sociedade civil para o atendimento das demandas da população de rua. Os moradores de rua e entidades ligadas a essa população, dentre elas a COOPAMARE, passaram a participar do fórum, onde um dos propósitos era pensar em políticas públicas de trabalho para essa população.

Durante a gestão de Luíza Erundina, foram criadas várias políticas públicas de atendimento à população de rua. Exemplos: foram construídos restaurantes, albergues, centros de convivência, alternativas de trabalho, entre outros. Também foi instituído “o dia de luta da população de rua”, dia de reivindicar junto ao poder legislativo e ao executivo, políticas públicas para problemas relacionados aos moradores de rua.

(REVISTA LIBERTAS, 2006)

Vejamos alguns projetos de lei (PL) da década de 1990 que apresentavam uma preocupação humana, em relação à população de rua (GIORGETTI, 2007, p. 85):

Segundo a autora, apenas cinco projetos de lei enquadram-se na categoria cidadania plena:

1- "Obrigatoriedade do Poder Público de recolher a população de rua no período - maio a setembro" - Alberto Calvo - 1993 - PL 01609/98-8;

2 - "Política de atenção à população de rua" - Aldaíza Sposati - 1994 - PL 207/94;

3 - "Recolhimento e abrigo de indigentes e mendigos no período: 1º de junho a 31 de agosto" - Roberto Tripoli - 1997 - PL 533/97;

4 - "Projeto Todos somos responsáveis" - José Índio - 1997 - PL 451/97;

5 - "Criação do Abrigo Transitório Municipal e dá outras providências" - Jorge Taba - PL 1055/97.

Os Projetos de Lei aqui apresentados mostram traços comuns que definem o *tratamento humanitário*.

- i) Os cinco Projetos de Lei reconhecem o morador de rua como um cidadão portador de direitos que devem ser respeitados;*
- ii) Os cinco Projetos de Lei estão de acordo em que o Poder Público tem de assumir sua responsabilidade ante esse problema;*
- iii) Os cinco Projetos de Lei estão de acordo com a necessidade de sistematizar uma política de atendimento ao morador de rua na cidade de São Paulo.*

É importante ressaltar que as propostas divergem quanto à maneira de realizarem tais objetivos.

Os Projetos 1 e 3 são propostas assistenciais de recolhimento, ou seja, visam apenas a satisfação das necessidades básicas dos moradores de rua, o que não determina a sua inserção na sociedade.

O Projeto 2 visa, além do respeito à dignidade e aos direitos do morador de rua, sua inserção na sociedade e estabelece diretrizes para atendimento à população de rua. Além disso, tem o mérito de colocar a população de rua como um objetivo permanente das políticas públicas e de estabelecer padrões mínimos para o atendimento.

O Projeto 4 apresenta alternativas de moradia e de trabalho para a população de rua, mas, quanto a sua formulação e aplicabilidade, é possível notar vários problemas: não especifica o que são os mini albergues e o que os diferencia dos albergues já existentes na cidade, não estabelece os montantes referentes ao auxílio-moradia e ao auxílio alimentação propostos pelo PL, e, além do mais, não menciona os critérios exigidos para se obter tal auxílio.

O Projeto 5 propõe a criação de um albergue municipal onde se ofereceriam serviços de higiene, serviços médicos, refeições, oficinas de trabalho, horta e encaminhamento para obtenção de documentos e de emprego. Na verdade, esse é um projeto bem-intencionado, mas sua natureza é de uma proposta emergencial e que pretende reunir num só espaço todos os serviços dirigidos à população de rua, o que também não garante a inserção do indivíduo na sociedade.

Desses Projetos, o único aprovado e em vigor é o PL 2, e, para ser aprovado, enfrentou uma grande resistência do Poder Executivo, que, após vários vetos, concedeu, por meio de negociações, a sua aprovação definitiva.

O Executivo, além de vetar os projetos para a população de rua, não apresenta soluções para o problema; foi o que aconteceu com os PL 2, 4 e 5. Vetar e não propor medidas para substituir tais Projetos, só mostra o descaso por parte do Poder Executivo frente à questão da população de rua, portanto, cabe ao Legislativo, antes de formar as leis para beneficiar a população de rua, consultar estudos que possam mostrar as particularidades e as reais necessidades de tais propostas.

Aos políticos, cabe a responsabilidade de criar condições para que as pessoas em situação de rua possam estar inseridas novamente na sociedade, uma vez, que essas pessoas são cidadãos e têm direito a uma vida digna de um ser humano.

Devemos lembrar que ao final da gestão Erundina (em 1992) e com a entrada posterior de dois prefeitos extremamente conservadores no município de São Paulo – Paulo Maluf e Celso Pitta, iniciou-se uma perseguição aos catadores e à população de rua em

geral, através da “limpeza” de viadutos e da tentativa de proibição do trabalho de catador de papelão. Essa repressão foi evitada graças à pressão da população de rua e das entidades ligadas à ela, com isso, evitou-se a deterioração das políticas públicas realizadas. (GIORGETTI, 2007)

A participação da imprensa e das universidades, além da participação dos moradores de rua e de entidades ligadas à essa população, é de suma importância para inclusão do tema morador de rua na agenda pública e para impedir os possíveis abusos cometido pelo poder público. Essa participação foi observada no final dos anos 80 e início dos anos 90, quando surgiram os moradores de rua em quantidade expressiva, e, a partir daí houve um relativo incremento na produção acadêmica sobre o tema, enquanto isso, em Paris, já havia um número mais expressivo de livros e artigos publicados sobre o assunto, tanto por editoras acadêmicas quanto comerciais. (GIORGETTI, 2007)

O *Le Monde*, assim como outros jornais, colaborou para que o problema do morador de rua se transformasse em uma questão social. As notícias publicadas sensibilizavam a sociedade sobre o problema, ao mesmo tempo que colocavam-no na agenda dos políticos franceses. Já em São Paulo, observou-se uma tímida participação dos jornais, durante o período analisado. (GIORGETTI, 2007)

Quando o assunto são os problemas relacionados aos moradores de rua, isso gera controvérsia, e, muitas vezes, produz preconceito. Portanto, frente a esse contexto, cabe aos meios de comunicação fiscalizar as ações do poder público, impedindo assim, que os políticos das mais diversas instâncias, dominados por tais sentimentos, venham impossibilitar ao morador de rua de exercer a sua cidadania.

Em São Paulo, políticos elaboraram leis propondo a expulsão dos moradores de rua.

Vejamos algumas delas.

1 - *"Permissão sobre o uso de áreas situadas nos baixos dos viadutos" - Hannah Garib - PL 394/93 (GIORGETTI, 2007, p. 94).*

Este Projeto de Lei provocou a reação das entidades sociais que desenvolviam um trabalho com moradores de rua; a intenção dessa lei era de expulsar os moradores de rua das áreas situadas embaixo dos viadutos e assim realizar a implementação de estacionamentos. O autor da lei não propôs alternativas de abrigo para as pessoas que seriam retiradas desses locais.

2 - *"Autoriza o Executivo a implantar áreas de lazer e espaços (...) nas partes superior e inferior do elevado Costa e Silva" – Mario Dias – PL 776-94. (GIORGETTI, 2007, p. 94)*

3 – *"Determina que os bancos das praças públicas devem ser segmentados" - Hannah Garib - PL 1151/1997. (GIORGETTI, 2007, p. 94)*

Esse Projeto de Lei constitui um mecanismo sutil para a expulsão dos moradores de rua das praças da cidade.

4 - *"Disciplina o uso de veículos de carga no centro" – Wadih Mutran - PL 697/1996. (GIORGETTI, 2007, p.98)*

Este PL provocou reação da Associação dos catadores de papel Nioac, da instituição social Casa de Convivência do Brás e do Fórum das Entidades que trabalham com a população de rua.

5 - *"Estabelece diretrizes para a oficialização da atividade de catador de papel" – Maria Helena – PL 776-1997. (GIORGETTI, 2007, p.98)*

O Projeto de Lei 5 apresenta em seu artigo 3 algumas aberrações; a vereadora estipula o pagamento de uma taxa aos cofres municipais para se obter um documento que autorize o exercício de tal atividade. Além da taxa, somente poderão obter tal autorização os catadores que apresentarem:

Prova de identidade;
 Atestado de bons antecedentes;
 Certidão negativa dos cartórios criminais de seu domicílio;
 Prova de estar em dia com as obrigações eleitorais;
 Prova de quitação ou dispensa de serviço militar;
 Cadastramento junto ao Limpurb (Departamento de Limpeza Urbana) (GIORGETTI, 2007).

6 – *“Disciplina a coleta de vasilhames” – Edvaldo Estima - PL 1600/1995. (GIORGETTI, 2007, p. 98)*

Vários desses Projetos dificultariam a vida do catador morador de rua, pois a cédula de identidade é perdida com frequência por eles, quando não, são roubadas; o atestado de bons antecedentes nem sempre é possível, pois alguns já se envolveram com crimes, além disso, o fato de viverem na rua os impede de ter um comprovante de residência.

Cabe aqui lembrar uma frase referente a uma importante alteração do Código Penal Francês que restituiu aos moradores de rua de Paris *“o direito de estar nas ruas”* e de *“circular”* pela cidade.

“Nem os políticos nem a política estão autorizados a expulsar – sob pena de prisão – os moradores de rua dos locais que elegeram para exercer a mendicância” (GIORGETTI, 2007, p.103)

Um artigo publicado pela Folha de São Paulo em 1984 mostra que, muitas vezes, a intolerância com os moradores de rua parte do próprio poder público, que ao invés de assegurar os direitos dessa população, incentiva atitudes repressoras e discriminatórias. O artigo informou que a Prefeitura cercou viadutos da 23 de Maio e afastou os mendigos.

A “operação limpeza” durante as gestão de Maluf e Pitta deixou visível as condutas repressivas adotadas pelo poder público, essa operação lembra o “higienismo”, que no final do século XIX, com a abolição da escravatura e o aparecimento da classe

operária, discriminava os negros pela falta de bons modos e pelo medo de contágio de doenças e a classe operária, pois essa era associada às classes perigosas e representava um risco a saúde pública. (GIORGETTI, 2007)

Assim como em Paris, os mendigos têm sido associados, nas representações sociais de alguns municípios de São Paulo, à pobreza, à doença e ao perigo. Não se pode negar que a história do Brasil é marcada por confrontos de classes e de hábitos, e, frente a esse cenário, a classe superior, bem-educada e, sobretudo, com hábitos de higiene fortemente presente em seu cotidiano, viu-se historicamente encarregada de organizar as classes mais populares, vítimas da ignorância e da insalubridade. (GIORGETTI, 2007)

Voltando para a “operação limpeza”, o lema das administrações municipais que governaram a cidade de São Paulo entre 1993 e 2000 era: limpar, embelezar e purificar a cidade. (GIORGETTI, 2007)

Portanto, não há dúvidas de que a mais atingida por esse estilo autoritário e intolerante dessa gestão, foi a população de rua.

Ao invés de existirem políticas públicas para resolver a questão da população em situação de rua, o que existe é um jogo de “empurra-empurra” que as diversas prefeituras das grandes capitais brasileiras fazem para se livrar dos moradores de rua.

Os moradores de rua têm direito a uma vida digna e de inclusão na sociedade, e, para isso acontecer, estes devem reaver os seus direitos como cidadãos.

É muito importante mencionar que os dados levantados pela pesquisa abaixo podem servir de base de planejamento de inclusão, e assim, a população em situação de rua terá alguma possibilidade de resgatar sua dignidade e de voltar a fazer parte do convívio social.

A pesquisa realizada pela FIPE (2000 e 2003) identifica os perfis dos moradores de rua de SP, segundo afirma Silvia Schor.

“Um dos principais resultados das pesquisas foi revelar a quantidade de pessoas que trabalha como catador de papelão, de latas de alumínio, carregadores, entre outras ocupações.” (FIPE, 2007)

“Os resultados dessas pesquisas constituem importante base de dados para a formulação de políticas públicas para a melhoria da qualidade de vida dessa população, além de programas de re-inclusão social.” (FIPE, 2007)

Vale aqui lembrar que uma das conquistas relevantes e que diz respeito a população de rua, aconteceu em 31 de maio de 1995, quando a Câmara Municipal de São Paulo aprovou o projeto de Lei 207/94 da então vereadora Aldaíza Sposati. O Projeto previa a criação de centros de serviços à população de rua, como restaurantes comunitários, moradias provisórias e projetos sociais de reintegração, porém o mesmo foi vetado pelo prefeito da época, Paulo Maluf, que alegou inconstitucionalidade.

Na sua gestão, o então Prefeito Celso Pitta, justificava seu veto referente ao projeto de lei 207/94 informando que um vereador não podia fazer uma lei que implicasse em gastos para o município.

Após a reivindicação e muita luta por parte das organizações e da população de rua, a Lei 12.316/97 foi regulamentada no dia 2 de janeiro de 2001, no governo da Prefeita Marta Suplicy. Sob o decreto Nº 40.232, o qual diz em seu regulamento que a Lei nº 12.316 dispõe sobre a obrigatoriedade do Poder Público Municipal a prestar atendimento à população de rua da Cidade de São Paulo, e dá outras providências. (REDE RUA, 2007)

Capítulo 3 – REDES SOCIAIS

CONCEITO DE REDES SOCIAIS

Rede, no latim, significa *rete* = "rede ou teia", logo conota com entrelaçado de fios que apresenta aberturas regulares, formando, assim, uma espécie de tecido aberto. Com o passar do tempo, a palavra rede ganhou outros significados, abrindo um amplo leque de disciplinas que envolve desde a sociologia (redes sociais) até a informática (redes de computadores). (WIKIPEDIA, 2009)

“Rede Social é uma das formas de representação dos relacionamentos afetivos ou profissionais dos seres humanos entre si ou entre seus agrupamentos de interesses mútuos. A rede é responsável pelo compartilhamento de idéias entre pessoas que possuem interesses e objetivo em comum e também valores a serem compartilhados.”
(WIKIPEDIA, 2009)

Falar de redes não é tão fácil o quanto parece, cada um tem uma visão peculiar da rede onde vive, mas, de fato, não podemos deixar de concordar que a rede funciona exatamente de acordo com a intenção e o objetivo de cada membro.

Redes Sociais são formadas mediante as ligações entre os indivíduos e as organizações; manifestam-se através das relações que as pessoas estabelecem entre si e o cotidiano, composto por familiares, vizinhos, amigos, colegas de trabalho, organizações, etc.

Além dessas relações, a rede também incorpora profissionais e funcionários de instituições, sejam elas públicas ou privadas.

Assim, as Redes Sociais nascem do núcleo familiar, de grupos de vizinhos, da comunidade e na igreja. (GUARÁ, 1998)

“Redes são sistemas organizacionais capazes de reunir indivíduos e instituições, de forma democrática e participativa, em torno de causas afins. Estruturas flexíveis e estabelecidas horizontalmente, as dinâmicas de trabalho das redes supõem atuações colaborativas e se sustentam pela vontade e afinidade de seus integrantes, caracterizando-se como um significativo recurso organizacional para a estruturação social.” (OLIVIERI, 2003)

“A rede sugere uma teia de vínculos, relações e ações entre indivíduos e organizações. Elas se tecem ou se dissolvem continuamente em todos os campos da vida societária, estão presentes na vida cotidiana (nas relações de parentesco, nas relações de vizinhança, nas relações comunitárias), no mundo dos negócios, na vida pública e entre elas. O que explica a existência de múltiplas redes são as necessidades humano-sociais que colocam em movimento a busca de interação e formação de vínculos afetivos, de apoio mútuo, para empreendimentos etc. Uma rede envolve processos de circulação, articulação, participação, cooperação.” (CARVALHO, 2003)

O objetivo comum coloca os atores da rede em um elo, no qual os laços passam a atuarem como uma rede de compromisso social, deixando de ser um nó isolado, e passando a ser um encontro de vários nós, que possibilitam o trabalho em conjunto e um melhor desempenho.

“As redes sociais só se sustentam se tiverem um objetivo em comum e se este objetivo for suficientemente intenso para que os atores continuem a investir energia na trama reticular” (JUNQUEIRA, 2006)

Segundo Castells: “Rede é um conjunto de nós interconectados.” (CASTELLS, 1999, p. 498)

Os nós são as ligações entre indivíduos e as organizações, onde estes precisam uns dos outros para trocar idéias, informações, conhecimentos, enfim, essa relação de reciprocidade vem da necessidade do indivíduo manter contato com o seu próximo e da necessidade de sobrevivência que este busca, dependendo de sua real situação.

“Trabalhar em rede traz grandes desafios pessoais e profissionais, pois a evolução no domínio das técnicas de comunicação, o uso habilidoso e criativo das ferramentas tecnológicas, a revolução cultural, a internalização dos fundamentos, não podem ser processos apenas individuais, têm que ser coletivos, pois não se faz uma rede sozinho. Se há um espaço em que não se cresce sozinho é o das redes. E compartilhar é a estratégia do crescimento conjunto...A matéria prima das redes é a vontade das pessoas, sua disponibilidade em vivenciar essas novas situações. Um imaginário convocante, sedutor, que inclua os sonhos, objetivos e necessidades é fundamental, pois é ele que dá a direção comum. O alimento da malha da rede é a circulação da informação que apóie a realização dos objetivos compartilhados.” (AMARAL, 2002)

Essa vontade move todos em busca do objetivo geral; o que não pode passar despercebido é que só a boa vontade em ajudar não basta, a necessidade de uma rede em se manter vai além, incluindo assim, compromisso, responsabilidade, determinação, superação e luta pela sustentabilidade, pois, através dessa, a rede ficará mais forte e terá o seu próprio escudo contra as tempestades que irá enfrentar.

A base comum de uma rede é a circulação de informações e essas informações, por sua vez, devem ser passadas para os membros que compõe a rede. Dessa forma, todos estarão envolvidos e a realização de ações em conjunto passará a ser compartilhada.

Nas palavras de Gilberto Velho, podemos observar o cuidado que devemos ter com as interações entre as redes.

“Por outro lado, o contato com outros grupos e círculos pode afetar vigorosamente a visão de mundo e estilo de vida de indivíduos situados em uma classe sócio-econômica particular, estabelecendo diferenças internas. A interação com redes de relações mais amplas e diversificadas afeta o desempenho dos papéis sociais.” (VELHO, 1999, p. 20)

Realmente, não podemos deixar que os entrelaçamentos entre as redes aconteçam de forma a fazer com que estas percam o significado e o sentido do foco, caso isso ocorra,

as redes se envolverão de uma forma insignificante e irão acabar em uma “desordem” sem fim; a consequência dessa estrutura desastrosa será uma teia de emaranhados difícil de desfazer, isto é, conflitos e inexistência de conclusões satisfatórias.

Portanto, o que concluímos, é que, a rede nada mais é, do que o encontro entre indivíduos que se identificam com os seus objetivos e interações. Muitas vezes, é através da rede que o indivíduo se encontra e se sente útil, veja o que trouxe o site “[mundo.bobnews](#)”: *“Estados Unidos: idosos recorrem às redes sociais devido à solidão”*. (mundo.bobnews, 2009)

Esse é um exemplo de que essa idosa só se encontrou e viu um caminho para continuar vivendo quando começou a visitar redes sociais virtuais, portanto, a rede também auxilia cada indivíduo ou organizações em atingir seus objetivos. No caso da senhora Paula Rice, 73 anos, o objetivo era “driblar” a solidão, como ela mesma disse:

“Eu estava morrendo de tédio” e “O Eons me deu uma razão para continuar vivendo”. (mundo.bobnews, 2009)

É assim que as redes funcionam, todos devem estar com o mesmo foco e interagindo de forma cooperativa em prol dos objetivos, sejam eles coletivos ou individuais.

Um dos objetivos dessa monografia foi descobrir como funciona a rede que há entre os idosos que vivem e que viveram em situação de rua.

Capítulo 4 – METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa de natureza qualitativa foi realizada junto à população idosa que vive em situação de rua e idosos que passaram por essa situação.

Esta pesquisa foi realizada mediante a aplicação de um formulário contendo as seguintes dimensões.

- Como vivem os idosos em situação de rua;
- Como vivem os idosos que estiveram em situação de rua;
- Seus perfis e suas redes relacionais;
- As expectativas desses idosos em relação ao futuro e os motivos que determinaram sua situação de rua.

A pesquisa é composta por descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Esse tipo de pesquisa é utilizada quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação.

A pesquisa busca identificar sentimentos, motivações, crenças e atitudes individuais dos idosos que vivem e os que viveram na rua. (GOLDENBERG, 2001)

O formulário foi aplicado em dois locais: o Refeitório Comunitário Penaforte Mendes (local frequentado por idosos em situação de rua) e o GARMIC – Grupo de Articulação de Moradia para o Idoso da Capital - (onde participam idosos que já passaram por situação de rua), neste caso, o local de aplicação dos questionários foram as residências dos entrevistados.

O Refeitório Comunitário Penaforte Mendes é um dos projetos de uma organização do terceiro setor, sem fins lucrativos, denominada Associação Rede Rua (Projetos da Associação Rede Rua: Rede Rua Comunicação, Pousada da Esperança, Núcleo Santo Dias, Moradia Provisória e Refeitório Comunitário).

Essa Associação, fundada em 1991, com registro no Conselho de Assistência Social, tem como objetivo trabalhar com a população adulta (acima de 18 anos) que se utiliza de espaços públicos (nas ruas ou em albergues) para sobreviver.

O Refeitório é uma instituição idônea e organizada, onde circulam cerca de 500 conviventes (como são chamados as pessoas em situação de rua) por dia, entre eles, vários idosos. Localiza-se no bairro da Boa Vista (Rua Penaforte Mendes, 56 São Paulo-SP) e foi inaugurado em 2000, sendo um dos projetos da Associação Rede Rua.

Além de possuir convênio com a Prefeitura de São Paulo, o refeitório possui parcerias com ONGs que também oferecem seus serviços no espaço físico do refeitório.

No Refeitório Comunitário Penaforte Mendes são oferecidas cerca de 500 refeições diárias, entre café da manhã, almoço e jantar. No local, também são desenvolvidas atividades socioeducativas como: oficinas de artesanato, de comunicação (rádio, cinema, teatro, leitura e filmes), palestras, entre outras. O refeitório conta com a presença de uma Assistente Social e as atividades são acompanhadas por educadores e voluntários. A alimentação oferecida também é supervisionada por uma nutricionista.

As pessoas em situação de rua que circulam no refeitório são chamadas de “conviventes” e entre elas há vários idosos, os quais são o foco da pesquisa.

Pelo fato de o Refeitório receber pessoas de toda a cidade de São Paulo, o ambiente é propício para que os entrevistados relatem suas histórias desde a infância até a atual situação a qual se encontram.

O GARMIC (Grupo de Articulação de Moradia para o Idoso da Capital) foi fundado em 1999, e quando falamos do GARMIC, não podemos deixar de mencionar os fundadores, que são pessoas fortes e lutadoras que se dedicam a lutar pelos direitos e dignidade do próximo.

Tanto o GARMIC quanto o Refeitório apresentam idosos com perfis similares, uma vez que essas pessoas passaram ou ainda passam por uma situação de rua. Esse foi o motivo principal da escolha dos locais.

As pessoas que vivem em situação de rua carregam algo em comum. As características principais estão relacionadas à pobreza, desemprego, falta de moradia, fracassos pessoais, fracassos profissionais, desamparo institucional, enfim, cada um tem sua história, mas possuem vidas similares.

O questionário aplicado (**Apêndice I**) explicita o caminho percorrido pelos idosos, objeto de pesquisa. O questionário foi aplicado em uma amostra de 10 idosos, sendo 05 idosos do Refeitório (questionário com 36 perguntas) e 05 do Grupo GARMIC (questionário com 41 perguntas). As perguntas foram de caráter aberto e fechado e a forma de aplicação utilizada foi a de entrevistas individuais, na qual o entrevistador lia a questão (motivo: alguns idosos têm dificuldade em ler e muitas vezes não enxergam direito as palavras por problemas de visão) e aguardava a resposta do entrevistado.

O respeito em relação ao tempo de cada idoso foi um diferencial da pesquisa, pois como se tratava de uma pesquisa qualitativa, o objetivo era observar cada detalhe sem atropelar o entrevistado em relação a sua resposta. Esse foi um dos motivos que determinou a mudança da quantidade de idosos entrevistados prevista inicialmente.

A princípio, o objetivo era entrevistar 50 idosos, porém, após o início da pesquisa, observou-se que o tempo demandado para cada entrevistado foi muito maior do que o estimado inicialmente. Logo, foi decidido entrevistar apenas 10 idosos buscando conseguir melhor conteúdo nas respostas dadas.

Os idosos que vivem em situação de rua foram entrevistados no refeitório, local onde se alimentam. Já os idosos que passaram por essa situação foram entrevistados em suas próprias residências, locais conseguidos com muita luta e dedicação.

Capítulo 5 – ANÁLISE DOS RESULTADOS

O resultado leva a crer que a realidade dos fatos mostra uma dimensão muito maior e muito mais forte do que há na bibliografia.

Muitos brasileiros se sentem despreparados frente a esses fatos, pois sabem que o problema que a sociedade brasileira enfrenta com idosos de rua é enorme; muitos são tomados por esse sentimento porque gostariam de fazer algo para resolver a situação, mas, na verdade, têm plena consciência de que a mudança levará tempo.

Assim sendo, enquanto não conseguem encontrar uma maneira de ajudar a sociedade, cada um pode fazer sua parte, mesmo que paulatinamente. Porém, se ainda não é possível solucionar definitivamente esse problema enfrentado pela sociedade, é possível não agravá-lo através do respeito pelos idosos, sejam eles da família, da vizinhança ou da rua.

Em seguida serão analisados os resultados da pesquisa, cujos resultados estão apresentados no **Apêndice II**.

Na realização da pesquisa de campo, foram observadas várias situações, as quais remetiam à teoria, porém o contato com a realidade foi um momento rico e único.

As perguntas buscavam informações sobre a situação socioeconômica, a situação de rua, as redes de relacionamento e outras informações, todas focadas no objetivo do trabalho.

Em relação ao meio em que nasceu, se foi urbano ou rural, um dos entrevistados não soube responder e disse com um gesto de preocupação.

“Tenho problema de esquecimento, hoje mesmo eu tava andando e de repente não sabia pra onde estava indo, eu queria ir não sei pra onde, mas sei que não era aquela

rua, aí, lembrei pra onde eu ia e aí fiz o caminho certo, eu tô assim, esquecendo de tudo.”

A pergunta foi feita novamente e ele começou a falar muito do sítio e da casa na cidade, parecia confuso em relação ao local onde, de fato, nasceu e não soube responder.

A confusão na hora de informar onde havia nascido fez transparecer uma angústia e uma preocupação por parte do entrevistado; ele passava a mão na cabeça, esfregava a testa, como se quisesse lembrar... Como não lembrou, começou a falar de fatos isolados de sua história, como a presença da casa na cidade e do sítio, veja o que disse o entrevistado.

“Fiz tiro de guerra em Presidente Prudente. Ia pra escola de cavalinho... Ajudava o pai na roça... Tinha 10 anos...” Porém, informou que ajudava sem obrigação.

Isso reforça as palavras de BULLA; MENDES; PRATES, 2004, p.142:

“(...) O fato de não se ter memória representará não ter história, e, não tendo história pessoal, o homem não possui identidade.”

Outro fato que chamou a atenção foi a idade apresentada e a aparência de um senhor que ainda vive em situação de rua. Qualquer indivíduo, ao vê-lo, julgaria que ele tem mais de 70 anos, mas, na verdade, sua idade entra em contraste com sua aparência sofrida: ele tem 64 anos e faz “bicos” para pagar o local onde vive. O senhor informou que vai ser despejado juntamente com outros que vivem na maloca (assim definida por ele) devido a precariedade do local.

Um episódio muito curioso era a quantidade de filhos (biológicos) informados por esses idosos, não passaram de dois.

Em relação à pergunta “Com quantos anos o senhor(a) começou a trabalhar?”, a idade relatada foi desde os cinco anos até os vinte anos. Duas histórias apresentaram semelhança, uma de um senhor que informou ter começado a trabalhar muito cedo na roça, com cinco anos, para ajudar o pai e a outra de uma senhora que teve seu primeiro emprego aos dez anos em uma casa de família.

Esse cenário retrata o que passaram esses idosos em sua infância, as dificuldades que lhes obrigaram a começar a trabalhar cedo e o conseqüente rendimento que essas crianças (hoje idosos) tiveram em seus estudos, fato esse, que mostra que esses idosos, assim como outros, não passaram do primário. Dentre os entrevistados, o nível de escolaridade ficou entre Ensino Fundamental incompleto (primário incompleto) até secundário completo (científico completo).

Os idosos entrevistados trabalharam e muitas vezes não tiveram como comprovar em carteira. Esse problema afetou aposentadoria, e, por conta disso, esses indivíduos ficaram reféns da seguridade social, através do benéfico por idade, porém para usufruir desse benefício, o idoso tem que ter no mínimo 65 anos.

Foi observado o quanto esses idosos sofreram e sofrem por conta do passado e do presente, e hoje, embora apresentem mais de 60 anos e não tenham condições de trabalhar devido ao seu estado físico e de saúde (visível aos nossos olhos), muitos são obrigados a fazer “bicos”, pois não há, na lei, essa divisão de idade por aparência.

Seguem abaixo relatos da pesquisa que confirmam o que revela as informações da pesquisa FIPE 2000.

“Cato latinha. Ando o dia inteiro e não ganho nada... Tem muito catador de latinha... Eles briga por causa de latinha.”

Este relato só nos revela que a condição de sobrevivência na rua é uma verdadeira batalha, na qual a latinha torna-se um bem precioso, já que será vendida. Semelhante a essa situação, outro entrevistado diz o que faz para conseguir suas fontes de renda.

“Olho carros e faço mandado.”

Esse é o cotidiano de muitos idosos que estão em situação de rua.

Na pesquisa foi observado, que os idosos entrevistados que já passaram por situação de rua, hoje estão sendo beneficiados pelo LOAS, e os que continuam em situação de rua, não recebem (exceto um entrevistado), por não terem atingido os 65 anos, por falta de conhecimento ou por falta de alguém que os orientem, e então, o único meio de renda é o “bico”. Nesse momento vale lembrar Camarano, 2006, que descreve que a maior parte da renda dos idosos provém dos benefícios da seguridade social, os quais estão relacionados a aposentadoria, pensão por morte e assistência social. De forma geral mal se consegue viver dignamente só com a renda do LOAS, agora, imagine a situação de quem vive na rua, catando latinha, olhando carros e dormindo ao relento.

O que foi revelado em relação aos idosos que passam e aos que passaram por SITUAÇÃO DE RUA é que sua ida para as ruas deu-se por conta de vários fatores, dentre eles: álcool, desentendimentos com a família e o desemprego.

Vejamos abaixo o que disse um entrevistado em relação ao motivo que o levou para a rua.

“Falta de oportunidade. A pessoa vem pra São Paulo procurar emprego, mas não serve... Tem experiência, mas não conta, às vezes não está na carteira.”

Ele deixa claro que não há oportunidades para as pessoas que chegam em São Paulo, principalmente se a pessoa não tem registro em carteira.

Muitas pessoas em situação de rua apontam outros problemas como razão predominante para a perda de sua residência: perda da casa, da família, desavença com parentes etc. Há situações em que o indivíduo sai do âmbito familiar devido ao envolvimento com drogas e álcool, e a família, por sua vez, fica desgastada e acaba os expulsando de casa, ou os próprios dependentes acabam saindo por conta. Essa característica é muito comum entre algumas pessoas em situação de rua, mas no caso

dos idosos o que foi visto é que as drogas não fazem parte de seu contexto, mas o fator álcool é uma constante.

O entrevistado abaixo se separou da esposa e foi morar com o genro e a filha, começou a beber e virou alcoólatra, por conta da situação o seu genro o colocou para fora de casa, veja o relato do entrevistado.

“Um dia ele falou: pegue sua mala e vá viajar, vai comer onde você puder pagar tá comendo demais. Eu peguei e sai, na verdade eu tava tirando a prioridade (quis dizer privacidade) deles, lá era pequeno e eu tava acomodado, a gente se acomoda sabia?”

Esse senhor admitiu que o alcoolismo atrapalhou muito a sua vida.

A pergunta a seguir nos remete, mais uma vez, às palavras de BULLA; MENDES; PRATES, 2004, p.142: “(...) O fato de não se ter memória representará não ter história, e, não tendo história pessoal, o homem não possui identidade.”

“Faz quantos anos que o senhor(a) está em situação de rua? (Refeitório) / Quantos anos o senhor (a) ficou em situação de rua? (GARMIC)”

Dos que estão em situação de rua, as respostas ficaram entre dez e vinte e quatro anos.

Um deles, no primeiro momento falou quatro anos, depois se perdeu nas palavras e então disse: *“Não lembro.”* Portanto, foi questionado se ele se lembrava do presidente da época, como não lembrou, foi mencionado o nome Lula, Fernando Henrique e ao terminar de mencionar Collor, o entrevistado falou com entusiasmo: *“Sarney! Era o Sarney.”*

José Sarney deixou a presidência em 1990, portanto, de lá para cá somam-se dezenove anos. Essa foi a maneira encontrada para reforçar a memória do entrevistado, o que funcionou quando ouviu o nome Collor. Esse idoso, que está em

situação de rua, ficou entusiasmado e fez transparecer que sua memória só está adormecida.

O entrevistado apresentou um entusiasmo tão grande ao lembrar-se da época que, a partir daí, começou a contar alguns momentos de sua vida com um ar de alegria: *“Eu era professor de violão, eu tinha uma guitarra... Trabalhava em uma loja de material de construção no Brás, trabalhava e dormia lá dentro, tinha um gravador da CCE...”*

Com os entrevistados que não estão mais em situação de rua, foram de um ano a onze anos.

Tanto os que viveram como os que estão vivendo a situação de rua, antes de ir para “a rua”, moraram em casa ou apartamento, albergue, favela ou cortiço e no emprego.

Suas companhias antes de irem para rua eram esposa, filhos, amigos, sobrinhas e irmãos.

Após sair da casa de seus familiares (devido os fatores apresentados anteriormente) e posteriormente sair do albergue (devido ao final do prazo determinado ou por falta de vaga), a última alternativa era a rua. Lembrando que a definição de FICAR NA RUA está ligada às pessoas que além de não possuírem recursos financeiros para pagar alguma pensão, não conseguem vaga em albergue e estão desempregadas ou são recém-chegadas na cidade e não têm para onde ir. Esses indivíduos normalmente sentem-se desvalorizados e demonstram medo em dormir na rua. Além disso, rejeitam a sua identificação como moradores de rua e, dessa forma, procuram distanciar-se deles.

Em uma entrevista, foi percebido algo peculiar: o entrevistado rejeitava a comparação de sua ida à rua com a pessoa que ESTÁ NA RUA (esse grupo adota a rua como local de pernoite e começam manter ligações com as pessoas de rua e eles já não apresentam tanto medo em dormir na rua) e com a pessoa considerada SER DA RUA (essas pessoas passam a ter um cotidiano sem rumo, onde, a rua torna-se o espaço

principal de moradia e de forma praticamente definitiva, esse indivíduo apresenta precariedade em relação à higiene e busca o uso de bebidas alcoólicas e/ou drogas). Foi nítida a reação ríspida do entrevistado ao se explicar e se diferenciar desses perfis. Observe as palavras dele:

“Olha minha filha! Eu não sou morador de rua não, viu? Eu só dormi na rua duas noites só pra saber como que era, mas eu não sou morador de rua não, um ano eu dormi na Beneficência Portuguesa dentro do hospital, eu esperava a noite e entrava pelo uma entrada que dava lá dentro, dormia lá, não tinha dinheiro pra pagar pensão e no albergue é muito sujo, tinha albergue que tinha pulgas e lá dentro do hospital parecia um hotel e era de graça, tudo limpinho... (deu um sorriso amarelo). Dormia lá com um amigo, ele que me falou de lá, ele estava em situação de rua, mais era assim, ele tinha a vida dele e eu a minha, eu não tinha nada com a vida dele... Acho que ele usava drogas... Mas era uma pessoa boa, eu não tinha nada a ver com a vida dele.”

O entrevistado acima deixou claro o seu medo em dormir ao relento, por isso preferia se proteger em algum lugar. Isso por ele ser um indivíduo que “FICOU NA RUA”, mas que não era da rua.

Além de diferenciar o ESTAR NA RUA e SER DA RUA, as que FICARAM NA RUA, são pessoas que deixam claro em suas palavras (abaixo) a falta de seleção dentro do albergue, uma vez que esse também foi um dos motivos (não tão predominante) apresentados para a preferência em dormir na rua.

O entrevistado diz que: *“No albergue é muita mistura, tem cachaceiro, maconheiro, traficante...”*

Essa informação é o retrato da falta de eficácia dos projetos de albergues.

O outro entrevistado também diz: *“A gente que não tem casa, não tem dinheiro, a gente agüenta de tudo dentro do albergue, lá é tudo igual. Eu não gostava de albergue.”* Confirmando o que foi dito anteriormente.

A pergunta abaixo foi feita somente aos que passaram por situação de rua, essa não foi feita aos que estão passando pela situação de rua, pois essas pessoas apresentam baixa autoestima devido a seu estado e aparência, portanto, houve a preferência por não mexer com seus sentimentos, que já estão muito fragilizados.

Observe as respostas e tire suas próprias conclusões:

“Como o senhor se sentia quando estava em situação de rua?”

As respostas estavam na ponta da língua, e saiam com rapidez:

“Muito oprimida, desonrada, desacreditada, ninguém dá valor.”

“Acostumado.”

“Retraído.”

“Muito Mal.”

“Humilhado.”

Esses são sentimentos de pessoas que perderam suas casas, seus familiares, suas origens e que, por pouco, não perderam sua dignidade, pois viver na rua é um grande desafio e o resultado esperado dessa pergunta não poderia ser outro. Não se espera que uma pessoa que passou por situação de rua tenha se sentido feliz, agora imagine como estão se sentido os que ainda estão nessa situação, com certeza, a pergunta só iria machucar ainda mais os seus sentimentos.

Percebe-se, pelas respostas acima, que a situação de rua cria traumas psicológicos e que os indivíduos veem essa situação como uma verdadeira batalha cotidiana que as transformam com o passar do tempo em outras pessoas, devido às dificuldades, o preconceito da sociedade e a falta de perspectivas. As marcas deixadas ficam adormecidas dentro das pessoas que passaram por essa situação, mas nunca desaparecem, voltando à tona quando lembradas. Os entrevistados se emocionaram ao contarem as suas histórias.

Um dos entrevistados ficou muito emocionado quando foi questionado por que ele se sentia humilhado; ele apresentou um olhar de profunda tristeza acompanhado de lágrimas, então foi dito a ele:

“Tudo bem! Já entendi, fique calmo! Hoje graças a Deus o senhor tem sua casa, sua caminha, seu cobertor quentinho e uma comida gostosa pra comer, não é?”

Ele sorriu e falou: *“É!”*

Em relação à palavra liberdade, foi percebido que havia uma relação com os horários e com a disciplina imposta pelos albergues. Um entrevistado informou que preferia morar em uma maloca a morar em um abrigo, chamou-o de prisão; outro informou que no albergue é obrigado a acordar às cinco da manhã. Abaixo seguem alguns relatos.

“A situação de rua é uma pura liberdade. Eu não tenho que preferir albergues, cumprir horário, eu vou pra onde eu quero, chego em casa na hora que quero...Abrigo! Aquilo parece uma prisão.” Quando fala a palavra casa, se referia ao local atual onde vive, o qual chama de maloca.

Outro entrevistado diz: *“Liberdade de mais não presta, tem que ser liberdade com disciplina se não vira **bicho**. No albergue, tem que ter disciplina e disciplina demais acaba com a liberdade.”*

Continuando com definição da palavra liberdade, foi observado também que havia outra comparação com o fato de possuir dinheiro, uma vez que esse leva a independência financeira.

Um entrevistado diz que *“liberdade é ter aquela liberdade de ir e vir e não ser julgada... Não tem que ficar à custa de ninguém... Tal horário tem que tá aqui... Não tem privacidade nem fora, nem dentro, tanto nas ruas como em albergues.”*

Essa pessoa deixa claro que tanto a rua quanto o albergue, causam “dependência” na vida do ser humano, uma vez que ele depende da caridade para sobreviver, mas caso o indivíduo tenha dinheiro, ele fica, de certo modo, liberto dessa “dependência.”.

Com relação à alimentação, todos informaram vários lugares, mas os mais citados foram as chamadas “bocas de rango”, o que mostra a importância que boas políticas sociais tem em proporcionar algum bem estar a essa população de rua.

Uma questão que chamou a atenção foi o que diz respeito “ao pedir”. Ficou nítida a vergonha desses idosos, até mesmo em pedir comida. Isso mostra a baixa autoestima que domina essas pessoas e o medo de, cada vez mais, serem retalhados pela sociedade. Outra informação a respeito do “não pedir” estava relacionada aos valores que esses indivíduos trazem consigo e, até mesmo, o orgulho por um dia terem possuído bens materiais e hoje terem que se sujeitar a tal situação.

O entrevistado diz: *“Não sei pedir nada pra ninguém...”*

Esse senhor informou que pedia roupa para um grupo espírita, mas, mesmo assim, tinha vergonha. Disse:

“Eu não gosto de pedir nada a ninguém, eu já fui bem de vida, eu jamais vou pedir algum auxílio...”

Segundo esse senhor uma psicóloga disse que ele era orgulhoso, ele respondeu a ela que não sabia o porquê, mas, em sua fala percebe-se a presença da rejeição em relação à humilhação de “pedir”, uma vez que ele já possuiu bens materiais. Outro entrevistado ainda relata: *“Tinha vergonha de pedir, tinha vergonha na cara...”*, isso mostra os seus valores, pois, segundo esse senhor, ele sempre trabalhou para ter as suas coisas. Na entrevista, ainda foi percebido que a palavra “vergonha” não significava orgulho, mas sim, o medo de ser julgado pela sociedade como um “vagabundo”, que, ao invés de trabalhar, preferia pedir. Não é nenhuma novidade esse tipo de “rótulo”, pois sabemos e temos a plena consciência de que a nossa sociedade faz esse julgamento de valores.

Com relação a sua rede de relacionamentos, foi percebido que tantos os idosos que estão em situação de rua como os que já passaram por ela, não se relacionam muito com adolescentes. Um dos motivos nítidos diz respeito às drogas, uma vez que esses idosos rejeitam os que se envolvem com elas. Também foi visto que esses idosos têm a tendência ao isolamento como base de defesa, principalmente os que vivem na rua, falam pouco, ficam quietos em seus lugares. No caso do Refeitório Penaforte Mendes, ficam sentados esperando a comida, quase não se comunicam, alguns baixam a cabeça na mesa e ali mesmo tiram um cochilo. Os idosos normalmente sentam-se à mesma mesa, os de faixa etária diferente ficam em outras mesas, às vezes há idosos entre eles, mas, o que se percebe, é que o próprio idoso em situação de rua tem plena consciência de seu território de sobrevivência e, para evitar brigas e outros problemas, procuram se distanciar dos mais jovens. A palavra maloqueiro, trombadinha é muito usada quando se referem aos que procuram confusão.

Um dos idosos deixou claro o seu perfil de relacionamento quando disse:

“Só com conhecido, gente velha... Os novos só querem ignorância... Tem cara ruim no albergue.”

Logo se percebe o perigo que esses idosos enfrentam a noite, por conta do vício de terceiros. O idoso abaixo fez transparecer essa situação quando disse: *“Essa molecada só pensa em maldade... Esses trombadinha é um perigo de noite, tem pedaço de pau e estilete, eles pegam pessoa idosas... Quando a gente tem algum dinheiro de latinha, ele vem e toma pra comprar as porcaria (as drogas), quando a gente não tem, eles bate. A noite, minha filha, não é fácil. Chega de três, quatro trombadinhas e ameaça com faca, pensando que você tem dinheiro...”*

Para outro idoso, sua defesa é ficar sozinho, veja o que ele diz: *“converso com ninguém...”* Essa atitude é um tipo de defesa, uma vez que ele se sente ameaçado. Outro entrevistado informou que alguns que vivem em situação de rua, apresentam-se como amigos só para observarem o que os outros possuem de bens materiais, e então,

roubam na primeira oportunidade. Os objetos mais roubados são: cobertores, escova, creme dental, sabonete, etc.

Os que passaram por situação de rua, *quase* não se relacionam mais com pessoas de rua, principalmente com aqueles que dividiram o mesmo espaço público ou o mesmo albergue. Os motivos foram vários, uns já morreram, outros estão em lugares diferentes, mas, como toda regra tem exceção, alguns se encontram em fóruns e lugares para reivindicarem os seus direitos como cidadão e dos seus companheiros que ainda estão em situação de rua.

O que ficou claro é que na rua existe a solidariedade por parte de todos, como a divisão da pinga, do cigarro, do pão e a proteção mútua durante a noite, mas “amizade” é uma palavra muito forte para essas pessoas, sendo rara entre elas,

Na pergunta: “O senhor (a) lembra de alguém especial com quem se relaciona ou se relacionava?”, as respostas estavam relacionadas a pessoas do passado, de sua vida antes da situação de rua e das pessoas que os ajudaram de alguma forma quando estavam em situação de rua, como as assistentes sociais, os funcionários de alguma instituição, enfim, essas respostas foram dos dois perfis de idosos, o que demonstra novamente que na rua, a amizade verdadeira é um tanto complicada.

Quanto ao relacionamento com a família, esse vai se desgastando e se perdendo ao longo do tempo, foi observado que, quanto mais o idoso fica na situação de rua, mais tempo sem contato com seus familiares ele fica, ou por ter ficado em situação de rua devido a desentendimentos com a família ou pela própria discriminação por parte de seus familiares e vale ressaltar que há idosos que não conseguem mais se desligar da rua, isso, por conta do tempo que permaneceram nela e do vínculo construído com o este ambiente.

Os idosos que já viveram em situação de rua, alguns participam de grupos que lutam pelos seus direitos, esses estão mais atualizados em relação à política, inclusive participam de fóruns para ajudar os que ainda estão em situação de rua. Já os que

estão em situação de rua, quase não frequentam esses grupos, isso, por conta da necessidade, pois o seu dia-a-dia é procurar o que comer e se proteger; esses são os motivos principais que revelam os objetivos da rede de quem está na situação de rua, isto é, a obtenção de informações referente a lugares onde se distribui alimentos e locais de assistencialismo.

Os idosos em situação de rua conhecem os locais que distribuem comida, como foi dito por eles, as chamadas “boca de rango”. Esses idosos também já passaram por albergues, ou seja, já passaram pelo chamado rodízio de albergue. Ficou clara a insatisfação dos idosos para com as condições encontradas nesses locais, pela falta de vagas suficientes e a não seleção dos indivíduos que ali frequentam, o que causa medo em alguns que não gostam de confusão. Esses motivos só contribuem para o aumento no número de pessoas nas ruas. Mais uma vez se nota a importância das políticas públicas.

Ao perguntar: “O que o senhor (a) almeja (deseja) para seu futuro?”, as respostas evidenciam a necessidade dos idosos que estão atualmente em situação de rua e os que já passaram por ela.

Os que estão hoje em suas casas, pedem saúde e paz e os que estão passando pela situação de rua, pedem dinheiro.

Os relatos abaixo são de pessoas que estão em situação de rua.

“Um caminhão de dinheiro... Pra fazer aplicação e ficar de boa.”

O termo “ficar de boa” significa não precisar de mais nada.

O outro diz: *“Ganhar na Mega, pra encher o bolso de dinheiro e não depender mais de nada.”*

O significado de não depender mais de nada, quer dizer não depender mais da caridade dos outros.

Outro idoso confirma a frase anterior quando diz: *“Quero ver dinheiro na frente... Mas tá duro.”*

O que se percebe na fala dos entrevistados, é um grande desejo de se sustentar, pois a caridade é aceita, até mesmo por ser a única alternativa, mas, no fundo, essas pessoas queriam mesmo, era sua autonomia de volta.

Os que já passaram pela situação de rua e hoje possuem suas casas, demonstram outro tipo de desejo em relação ao futuro, foi o que disse o entrevistado desejando *“tranquilidade, paz e saúde”*.

O outro também pede: *“Saúde pra mim e minha mulher.”* Já outro vai além da paz, quando pede *“paz e amor”*.

Quem mais causou surpresa foi um senhor que disse: *“Desejo ver todo mundo morando em suas casas.”*

A pergunta foi feita novamente, para se ter certeza do que foi dito por ele, e a resposta foi a mesma, deixando transparente que a solidariedade existe entre essas pessoas.

Esse idoso, mesmo acamado, tinha vontade e sede de lutar pelo seu próximo, pois já havia ficado em situação de rua e não desejava isso para ninguém. Por esse motivo, o seu desejo em ver todos morando em suas casas, vinha de um sentimento de vitória por ter conseguido a sua, e, ao mesmo tempo, de uma angústia do que havia passado na rua.

Essa pessoa demonstrou que mesmo a situação de rua não é capaz de destruir sentimentos tão lindos, como a preocupação com o próximo e o desejo de vê-lo bem. Era perfeitamente aceitável e até esperado que ele pedisse saúde, pois estava muito doente, mas a sua preocupação era com aquele que ainda está na rua.

CONCLUSÃO

O aumento da expectativa de vida da população brasileira devido, principalmente, aos avanços da medicina somados à diminuição das taxas de natalidade está fazendo com que o número de pessoas idosas, acima de 60 anos, venha crescendo constantemente. Porém, infelizmente, também tem sido criada uma classe de pessoas que colocadas à margem da sociedade: os idosos em situação de rua.

O perfil dos idosos entrevistados passou a sensação de que a situação de rua foi consequência de basicamente três fatores: álcool, desentendimentos com a família e o desemprego. Todos os entrevistados possuíam, de alguma forma, uma estrutura familiar antes de ficarem em situação de rua, isto é, não nasceram na rua. Esse fato mostra que nossa sociedade e nossas cidades não estão estruturadas para garantir que pessoas com dificuldades de emprego, com problemas relacionados ao álcool ou com problemas familiares possam se recuperar e reestruturar suas vidas de forma digna antes que a situação de rua os transformem em pessoas desmotivadas descrentes e, cada vez, mais sem forças para mudar essa situação.

A situação de rua gera sentimentos distintos nas pessoas em que nela estão ou por ela passaram, porém, como não poderia ser diferente, são sempre sentimentos negativos, como humilhação e desonra.

Os idosos que estão em situação de rua passam por uma precariedade subumana, e por conta disso, lutam pela sua sobrevivência a cada dia. Suas fontes de rendas são insuficientes para a sua própria subsistência, levando-os a procurar as “bocas de rango” para se alimentar e dormindo ao relento.

A disputa entre eles é contínua e vai além do que podemos imaginar. É preciso negociar até o espaço público para dormir, sendo que a solidariedade entre eles visa basicamente à troca mútua, principalmente no que se refere à segurança, onde a noite uns ficam acordados, enquanto outros dormem.

Para os que passaram por essa situação de rua, hoje, sua luta pela sobrevivência também é uma constante, claro, menos árdua e cruel quando comparada com os que estão na rua, uma vez que esses vivem com o benefício do governo (LOAS) e esse não supre todas as suas necessidades (alguns idosos fazem “bicos” para complementar a sua renda). Com certeza, a vida desse idoso melhorou em relação ao passado, mas não está perfeita, apesar de muitos terem a sensação de bem-estar, devido ao que já passaram anteriormente.

A vergonha, a insegurança, a desconfiança e o desprezo da sociedade levam esses idosos (os que estão em situação de rua) a se isolarem e só se relacionarem por “necessidade” (saber quais os locais de distribuição de alimentos e assistencialismo), evitando principalmente pessoas muito jovens (jovens que estão na rua). Desta forma, apesar de conseguirem de alguma forma ficar “blindados” aos riscos constantes que a situação de rua impõe a eles, muitos, com o passar dos anos, perdem a noção da realidade que os cerca, perdem a memória e se tornam pessoas com dificuldades de convívio social. Esse processo faz com que a relação com a família se acabe com o passar do tempo.

“Essa molecada só pensa em maldade... Esses trombadinha é um perigo de noite, tem pedaço de pau e estilete, eles pegam pessoa idosas... Quando a gente tem algum dinheiro de latinha ele vem e toma pra comprar as porcaria (às drogas), quando a gente não tem eles bate. A noite, minha filha, não é fácil. Chega de três, quatro trombadinhas e ameaça com faca pensando que você tem dinheiro...”

A declaração acima deixa claro o motivo pelo qual os idosos em situação de rua evitam os mais jovens, as drogas.

Os idosos abaixo deixam visível em suas falas que o medo do julgamento e da compreensão errada em relação as suas mensagens, acaba calando-os, e assim, evitam falar. Hoje em dia, o idoso que está na rua tem medo até de expressar seus

sentimentos e por conta dessa situação, a comunicação com outras pessoas, fica quase impossível. Vejamos as respostas à pergunta:

Gostaria de deixar alguma mensagem?

“Não. Porque não sou de falar, sou mais de ouvir... Eu não sou de falar, quem muito fala, muito erra.”

“Nenhuma, quanto mais quieto eu ficar, pra mim melhor... Se falar a pessoa não vai gostar. Eu procuro não falar nada.” - presença de baixa autoestima.

Apesar de todas as dificuldades encontradas no dia-a-dia da rua, percebe-se que um dos poucos sentimentos bons existente nessas pessoas é a sensação de liberdade.

Percebe-se nessa monografia que, em relação às leis, o idoso está totalmente amparado, tanto pelo governo como pela sociedade e a família, mas, na verdade, não se pode dizer o mesmo da prática, pois a teoria, como todos sabem, é praticamente uma “poesia”, linda de se ver e ler, mas se realmente voltarmos ao conceito do que significa de fato o idoso para nossa sociedade, pode-se dizer com todas as letras que para grande parte dela, este é visto como um “velho”; velho com o significado pejorativo, aquele que não serve mais para nada, sendo desta forma, totalmente desrespeitado.

O preconceito em relação ao idoso e mais ainda para com o idoso em situação de rua vem de nossas bases culturais, tendo como consequência a imagem de que o idoso é visto como incapaz, improdutivo, frágil e dependente.

Essa é a verdade nua e crua de uma sociedade que leva às alturas a beleza, a juventude, o físico exuberante, idolatrando exageradamente como se fossem “deuses” e os idosos esquecidos, rejeitados e muitas vezes discriminados, são deixados de lado.

Porém, mal sabem, ou talvez até saibam, que as mesmas pessoas que fazem isso hoje, serão os idosos de amanhã, e essas por sua vez, poderão passar pela mesma situação se nada for feito. O problema não são as leis, pois elas já foram positivadas, mas sim, o comportamento e os valores estruturais e morais, criados dentro do âmbito familiar. Não seria exatamente daí o ponto de partida? Como pode um indivíduo ser mudado através de leis? É difícil, pois a mudança do indivíduo começa e acontece dentro dele.

Devemos começar a pensar em uma reeducação familiar, mostrar para os nossos jovens os valores dos idosos, mostrar que a mão que lhe segurou quando criança, que o ajudou a dar os primeiros passos, a segurar o lápis pela primeira vez, que o ensinou o alfabeto, enfim, essa mão, e porque não dizer, essa mão idosa de hoje, que mostra as marcas da idade, foi e sempre será daquela mesma pessoa que o amou e o ensinou os passos da vida. Será que nós não precisamos de uma dosagem de realidade e uma atenção especial para o significado da frase “respeito aos idosos”.

Com a reeducação familiar, os filhos e familiares que hoje colocam os seus idosos em asilos, talvez teriam uma outra mentalidade e antes de praticarem tal ação, pensariam duas vezes. E aí sim, estaríamos indo de acordo com o Art. 229 do Estatuto do Idoso: “Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade.”

Na verdade essa reeducação não seria só para os nossos jovens e dentro do âmbito familiar, mas para as empresas também. É comum observarmos motoristas de empresas de ônibus não pararem no ponto quando observam um idoso a sua espera, isso porque é latente na mente desses motoristas que aquele idoso além de atrasá-lo, devido à dificuldade na hora de subir nos degraus da porta do ônibus, também não pagam passagem, ou seja, para esses motoristas de mente desrespeitosa, o idoso só atrapalha, na verdade esses cidadãos, se podemos assim dizer, tiram o direito assegurado ao idoso através do estatuto.

O Estatuto do Idoso representa um grande avanço no sentido de assegurar os direitos dos idosos, mas realmente não podemos fechar os olhos e dizer que tudo está funcionando de acordo com a lei. O que vemos é um atendimento precário na saúde pública, maus tratos por parte de familiares, discriminação por parte da sociedade, idosos cuidando dos netos, enquanto seus filhos vão se divertir, e muitas reclamações referentes ao benefício da gratuidade no transporte também são uma constante.

Abaixo segue as palavras de uma idosa que passou por situação de rua, sua fala é com relação ao Estatuto do Idoso.

“Foi à melhor coisa, principalmente pelo respeito que as pessoas têm com a gente... Antes falavam assim: Ah sua velha, tem que pagar ônibus, não pode entrar de graça. Como não posso? Eu posso sim, é meu direito, hoje ando de cabeça erguida, agora posso até estudar.” Hoje, esta idosa retornou aos estudos.

Em relações ao estatuto do idoso, os idosos que não estão mais em situação de rua são mais esclarecidos, lutam pelos seus direitos, participam de grupos, já os que estão nas ruas já ouviram falar do estatuto, já tiveram um, mas não sabem lutar pelos seus direitos sozinhos, precisam de um apoio. Contudo, todos mostraram a consciência de que somente cobrando os seus direitos previstos em lei, a situação deles pode evoluir para um futuro melhor.

Enfim, são tantos descasos que precisamos pensar melhor se tudo está no caminho certo, pois a única conclusão indiscutível é que apenas as leis não serão suficientes para resolver os problemas e dificuldades aqui descritas. Muito mais precisa ser feito, não só no que diz respeito à atualização natural das leis, mas também com relação à reeducação e fiscalização. Só assim, poderemos dar alguma esperança aos nossos idosos de hoje, mas principalmente a nós mesmos, idosos do futuro.

Os anseios para o futuro são bem diferentes, estando diretamente ligados às necessidades atuais de cada grupo. Os que estão hoje em suas casas, pedem saúde e

paz e os que estão passando pela situação de rua, pedem dinheiro para não dependerem da caridade alheia.

Apesar de a pesquisa ser de natureza qualitativa e o número de entrevistados ser pequeno, foi observado na prática que avanços foram conquistados, mas também foi percebido o quanto estamos longe de darmos uma velhice digna aos nossos idosos. Foi comprovado que os idosos moradores de rua ou os que por ela passaram são e foram verdadeiros guerreiros por sobreviverem a todas as adversidades que essa vida impõe.

Seria utopia falarmos em zero idoso morador de rua, mas podemos observar que com uma simples pesquisa já foram identificado problemas e situações que podem ser melhoradas, não só com melhores políticas públicas e o cumprimento das leis existentes, mas com atitudes simples e com a colaboração de toda a sociedade, evitando o preconceito e buscando uma nova forma de pensar com relação aos problemas sociais que hoje nos circundam.

Frase final: *“O idoso é capaz SIM, de lutar e conseguir seus direitos assegurados, e os idosos em situação de rua têm direitos como todos, pois eles não deixaram de ser cidadãos por conta de sua atual situação. O seu amor e os seus sentimentos estão lá, adormecidos, mas estão lá, basta olharmos com carinho e acordar para o fato de que eles são tão humanos quanto você.”* (Ana Clécia de Oliveira)

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, V. Desafios do trabalho em rede. Rede de Informações para o Terceiro Setor, 2002

BULLA, L. C. (Org.); MENDES, J. M. R. (Org.); PRATES, J. C. (Org.). As múltiplas formas de exclusão social - Laboratório Internacional Universitário de Estudos Sociais Série América Latina 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004

CAMARANO, A. A. Como vai o idoso brasileiro? Rio de Janeiro: IPEA, 1999

CAMARANO, A. A.; EL GHAOURI, S. K. Famílias com idosos: ninhos vazios? Rio de Janeiro: IPEA, 2003

CAMARANO, A. A. Mecanismos de proteção social para a população idosa brasileira. Rio de Janeiro: IPEA, 2006

CASTELLS, M. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARVALHO, M. C. B. A ação em rede na implementação de políticas e programas sociais públicos - Revista de Información del Tercer Sector, 2003

DOWBOR, L. A Reprodução Social - Tecnologia globalização e governabilidade - Vol 1 Petrópolis: Vozes, 2002

GIORGETTI, C. Moradores de Rua: Uma questão social? São Paulo: EDUC, 2006

GIORGETTI, C. Poder e Contrapoder : Imprensa e moradores de rua em São Paulo e Paris. São Paulo: EDUC, 2007

GOLDENBERG, M. A Arte de Pesquisar – Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais - Rio de Janeiro: Record, 2001

GUARÁ, I. M. F. R. Gestão Municipal dos serviços de atenção à criança e ao adolescente. São Paulo: IEE/PUCSP; Brasília: SAS/MPAS, 1998.

GUIMARÃES, G. D. Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectiva. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002

JUNQUEIRA, L. A. P.. Organizações sem fins lucrativos e redes sociais na gestão das políticas sociais. In: CAVALCANTI, M. (org) Gestão social, estratégias e parcerias: redescobrimo a essência da administração para o terceiro setor. São Paulo: SARAIVA, 2006

MENDES, J. M. R.; BELLINI, M. B. Textos e Contextos - Perspectivas da produção do conhecimento em serviço social. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2004

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME, Pesquisa Nacional Sobre a População em Situação de Rua, Abril de 2008

OLIVIERI, L. A importância histórico-social das Redes. Rede de Informações para o Terceiro Setor, 2003

VELHO, G. Individualismo e Cultura - Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

VIEIRA, M. A. C; BEZERRA E. M. R; ROSA C. M. M. População de Rua - Quem é, Como Vive, Como é Vista. São Paulo: Hucitec, 1994

“SITES” DE INTERNET:

<http://arquivo.portaldovoluntario.org.br>

<http://pt.wikipedia.org>

<http://www.dgabc.com.br/default.asp?pt=colunas&pg=colunadetalhe&col=24&men=429>

<http://www.ibge.gov.br>

<http://bvsmms.saude.gov.br>

<http://www.ipea.gov.br>

<http://www.artigonal.com>

http://www.spnoticias.net/publish/geral/Programa_que_oferece_alimenta_o_para_idoso_s_ser_expandido.shtml

<http://nev.incubadora.fapesp.br>

<http://www.camara.sp.gov.br>

<http://www.prefeitura.sp.gov.br>

<http://www.metodista.br>

<http://www.pclq.usp.br>

<http://jornalcidade.uol.com.br>

<http://www.lead.org.br>

<http://www1.folha.uol.com.br>

<http://www.fipe.org.br>

<http://www.comciencia.br>

<http://semteto.wordpress.com>

<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v7n2/05.pdf>

<http://www.planalto.gov.br>

<http://www.terra.com.br>

http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/id/536191.html

<http://www.revistalibertas.ufjf.br>

<http://www.rederua.org.br>

<http://www.slideshare.net/filipatorress/redes-sociais-na-internet>

<http://www.rits.org.br>

<http://mundo.bobnews.com.br/noticias/estados-unidos-idosos-recorrem-a-rede-sociais-devido-a-solidao-3617.html>

http://www.mds.gov.br/arquivos/sumario_executivo_pop_rua.pdf

Apêndice I - INSTRUMENTO DE PESQUISA

Abaixo seguem os questionários aplicados.

1.1 QUESTIONÁRIO APLICADO NO REFEITÓRIO PENAFORTE MENDES

I. DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS

1. Em que município, Estado e País o senhor(a) nasceu?

- () N\S (não sabe)
 () N\R (não responde)

2. Onde o senhor(a) nasceu, no meio urbano ou rural?

- () N\S (não sabe)
 () N\R (não responde)

3. Quantos anos o senhor(a) tem?

- () N\S (não sabe)
 () N\R (não responde)

4. Qual o seu grau de escolaridade?

- () Analfabeto
 () Ensino Fundamental completo - 1ª a 4ª série (primário completo)
 () Ensino Fundamental incompleto - 1ª a 4ª série (primário incompleto))
 () Ensino Fundamental completo - 5ª a 8ª série (ginásio completo)
 () Ensino Fundamental incompleto - 5ª a 8ª série (ginásio incompleto)
 () Secundário completo - 1º, 2º e 3º ano (científico completo)

- Secundário incompleto - 1º, 2º e 3º ano (científico incompleto)
- Curso Técnico
- Curso Superior
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

5. Qual o estado civil atual do senhor(a)?

- Casado(a) (Com quantos anos se casou?)
- Solteiro(a)
- Viúvo(a)
- Desquitado(a) - divorciado(a)
- Separado(a)
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

6. Quantos filhos o senhor(a) teve?

- Não tem filhos
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

7. Qual a sua profissão?

- Nunca trabalhou
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

8. Com quantos anos o senhor(a) começou a trabalhar?

- Nunca trabalhou
- N\S (não sabe)

N\R (não responde)

9. O senhor(a) é aposentado?

Não

Sim

N\S (não sabe)

N\R (não responde)

10. Quais são as suas fontes de renda?

Não tem

N\S (não sabe)

N\R (não responde)

11. O senhor(a) ainda trabalha?

Não

Sim

N\S (não sabe)

N\R (não responde)

II. SITUAÇÃO DE RUA

12. Faz quantos anos que o senhor(a) está na rua?

N\S (não sabe)

N\R (não responde)

13. Antes de estar em situação de rua o senhor(a) morava onde?

Casa\apartamento

Favela\cortiço

Albergue (qual)

Abrigo provisório

Abrigo permanente

- Pensão
- Outros
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

14. Antes, de estar em situação de rua o senhor(a) morava com quem?

- Pais
- Esposa
- Filhos
- Sozinhos
- Amigos
- Outros
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

15. Atualmente onde o senhor(a) passa as noites?

- Ao relento
- Albergues
- Abrigo provisório
- Abrigo permanente
- Pensão
- Em casas abandonadas
- Local cedido por alguém (qual local?)
- Auxilio moradia (quem fornece?)
- Outros
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

16. O que o senhor(a) mais gosta de fazer durante o dia?

- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

17. A palavra “Liberdade” tem alguma relação com o fato de “estar na rua”?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

Gostaria de comentar?

18. Tem facilidade para se alimentar?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

19. Onde o senhor(a) se alimenta atualmente?

- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

20. Quais os locais de sua preferência para se alimentar?

- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

21. Quais os motivos que o levaram para a rua?

- Álcool
- Drogas
- Desemprego
- Desentendimento com a família
- Outros (Qual?)
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

22. Das alternativas citadas acima, qual o motivo principal que o levou à situação de rua?

- Álcool
- Drogas
- Desemprego
- Desentendimento com a família
- Outros (Qual?)
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

III. REDE DE RELACIONAMENTO

23. Com quais pessoas o senhor(a) se relaciona hoje, em situação de rua?

- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

24. Qual a idade média das pessoas em situação de rua que o senhor(a) se relaciona?

- até 30
- 30 à 50
- Mais de 50
- Todas as idades
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

25. Hoje, o senhor(a) mantém contato com a sua família? (pais / filhos)

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

26. O senhor(a) lembra de alguém especial com quem se relaciona ou se relacionava?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)

N\R (não responde)

IV. OUTRAS INFORMAÇÕES

27. O que o senhor(a) faz para ter dias melhores, participa de algum grupo?

- Não
 Sim
 N\S (não sabe)
 N\R (não responde)

Qual?

28. O que o senhor(a) almeja (deseja) para seu futuro?

- N\S (não sabe)
 N\R (não responde)

29. O que o senhor(a) entende sobre políticas públicas?

- N\S (não sabe)
 N\R (não responde)

30. O senhor(a) acha que as políticas públicas atendem a todos os idosos (de alta e baixa renda)?

- Não
 Sim
 N\S (não sabe)
 N\R (não responde)

31. Como o senhor(a) avalia os resultados das políticas públicas?

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Ruim
- Péssimo
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

32. O senhor já ouviu falar do “Estatuto do Idoso” ?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

33. O senhor já teve a oportunidade de ler o “Estatuto”?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

34. Gostaria de ter o “Estatuto do Idoso”?

- Não
- Sim
- Já possui
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

35. O senhor(a) considera que o “Estatuto do Idoso” melhorou a condição de vida dos idosos?

- Sim
- Não

Por quê?

- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

36. Gostaria de deixar alguma mensagem?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

Qual?

1.2 QUESTIONÁRIO APLICADO NO GARMIC

I. DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS

1. Em que município, Estado e País o senhor(a) nasceu?

- () N\S (não sabe)
 () N\R (não responde)

2. Onde o senhor(a) nasceu, no meio urbano ou rural?

- () N\S (não sabe)
 () N\R (não responde)

3. Quantos anos o senhor(a) tem?

- () N\S (não sabe)
 () N\R (não responde)

4. Qual o seu grau de escolaridade?

- () Analfabeto
 () Ensino Fundamental completo - 1ª a 4ª série (primário completo)
 () Ensino Fundamental incompleto - 1ª a 4ª série (primário incompleto))
 () Ensino Fundamental completo - 5ª a 8ª série (ginásio completo)
 () Ensino Fundamental incompleto - 5ª a 8ª série (ginásio incompleto)
 () Secundário completo - 1º, 2º e 3º ano (científico completo)
 () Secundário incompleto - 1º, 2º e 3º ano (científico incompleto)
 () Curso Técnico
 () Curso Superior
 () N\S (não sabe)
 () N\R (não responde)

5. Qual o estado civil atual do senhor(a)?

- Casado(a) (Com quantos anos se casou?)
- Solteiro(a)
- Viúvo(a)
- Desquitado(a) - divorciado(a)
- Separado(a)
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

6. Quantos filhos o senhor(a) teve?

- Não tem filhos
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

7. Qual a sua profissão?

- Nunca trabalhou
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

8. Com quantos anos o senhor(a) começou a trabalhar?

- Nunca trabalhou
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

9. O senhor(a) é aposentado?

- Não
- Sim

- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

10. Quais as suas fontes de renda?

- Não tem
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

11. O senhor(a) ainda trabalha?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

II. SITUAÇÃO DE RUA

12. Quantos anos o senhor(a) morou na rua?

- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

13. Antes de estar em situação de rua o senhor(a) morava onde?

- Casa\apartamento
- Favela\cortiço
- Albergue (qual)
- Abrigo provisório
- Abrigo permanente
- Pensão
- Outros
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

14. Antes, de estar em situação de rua o senhor(a) morava com quem?

- Pais
- Esposa
- Filhos
- Sozinhos
- Amigos
- Outros
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

15. Quando o senhor estava em situação de rua, onde o senhor(a) passava as noites?

- Ao relento
- Albergues
- Abrigo provisório
- Abrigo permanente
- Pensão
- Em casas abandonadas
- Local cedido por alguém (qual local?)
- Auxílio moradia (quem fornece?)
- Outros
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

16. Quando o senhor(a) estava em situação de rua, o que mais o senhor(a) gostava de fazer durante o dia?

- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

17. Como o senhor se sentia quando estava em situação de rua?

- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

Gostaria de comentar

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

18. A palavra “Liberdade” tem alguma relação com o fato de “estar na rua”?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

Gostaria de comentar?

19. Tinha facilidade para se alimentar quando estava em situação de rua?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

20. Onde o senhor(a) se alimentava quando estava em situação de rua?

- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

21. Quais os locais de preferência para se alimentar?

- () N\S (não sabe)
 () N\R (não responde)

22. Onde o senhor(a) se alimenta atualmente?

- () N\S (não sabe)
 () N\R (não responde)

23. Quais os motivos que o levaram para a rua?

- () Álcool
 () Drogas
 () Desemprego
 () Outros (Qual?)
 () N\S (não sabe)
 () N\R (não responde)

24. Das alternativas citadas acima, qual o motivo principal que o levou à situação de rua?

- () Álcool
 () Drogas
 () Desemprego
 () Outros (Qual?)
 () N\S (não sabe)
 () N\R (não responde)

III. REDE DE RELACIONAMENTO

25. Com quais pessoas o senhor(a) se relacionava quando estava em situação de rua?

- () N\S (não sabe)
 () N\R (não responde)

26. Qual a idade média das pessoas que o senhor(a) se relacionava?

- até 30
- 30 à 50
- Mais de 50
- Todas as idades
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

27. O senhor(a) lembra de alguém especial?

- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

28. Hoje o senhor(a) continua se relacionando com essas pessoas?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

29. Quando estava em situação de rua, o senhor(a) mantinha contato com a sua família? (pais / filhos)?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

IV. OUTRAS INFORMAÇÕES

30. Hoje sua vida mudou para melhor?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

Gostaria de comentar?

31. O que o senhor(a) faz para ter dias melhores, participa de algum grupo?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

Qual?

32. O que o senhor(a) almeja (deseja) para seu futuro?

- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

33. O que o senhor(a) entende sobre políticas públicas?

- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

34. O senhor(a) acha que as políticas públicas atendem a todos os idosos (de alta e baixa renda)?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

35. Como o senhor(a) avalia os resultados das políticas públicas?

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Ruim
- Péssimo
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

36. O senhor já ouviu falar do “Estatuto do Idoso” ?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

37. O senhor já teve a oportunidade de ler o “Estatuto”?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

38. Gostaria de ter o “Estatuto do Idoso”?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

39. O senhor(a) considera que o “Estatuto do Idoso” melhorou a condição de vida dos idosos?

- Sim
- Não

Por quê?

- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

40. Lembra de alguém que o ajudou a defender seus direitos para sair da rua?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

41. Gostaria de deixar alguma mensagem?

- Não
- Sim
- N\S (não sabe)
- N\R (não responde)

Qual?

Apêndice II – RESULTADOS DA PESQUISA

Seguem as respostas dos questionários aplicados no Refeitório Penaforte Mendes e no GARMIC (5 no Refeitório e 5 no GARMIC).

Esses resultados não foram processados em quadros ou tabelas, pois o número reduzido de idosos permitiu apenas uma análise de natureza qualitativa.

O tempo gasto com cada entrevista (excluindo-se os preparativos) é mostrado abaixo:

GARMIC

Entrevista 1: 1 hora e 05 minutos

Entrevista 2: 1 hora e 46 minutos

Entrevista 3: 1 hora e 34 minutos

Entrevista 4: 1 hora e 46 minutos

Entrevista 5: 2 horas e 10 minutos

REDE RUA – Refeitório Penaforte Mendes

Entrevista 1: 1 hora e 20 minutos

Entrevista 2: 47 minutos

Entrevista 3: 1 hora e 04 minutos

Entrevista 4: 49 minutos

Entrevista 5: 1 hora e 11 minutos

Os textos entre aspas buscam expressar o modo de falar de cada entrevistado, logo não seguem a correta gramática da Língua Portuguesa.

2.1 RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO APLICADO NO REFEITÓRIO PENAFORTE MENDES

I. DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS

1. Em que município, Estado e País o senhor(a) nasceu?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Fortaleza – Ceará.
2. Jaguapitã – Paraná.
3. Pilão Arcado – Bahia.
4. São Paulo - São Paulo.
5. Presidente Venceslau - São Paulo.

2. Onde o senhor(a) nasceu, no meio urbano ou rural?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Urbano.
2. Rural.
3. Rural.
4. Urbano.
5. NR - não respondeu.

Palavras do entrevistado 5: “Tenho problema de esquecimento, hoje mesmo eu tava andando e de repente não sabia pra onde estava indo, eu queria ir não sei pra onde, mas sei que não era aquela rua, aí, lembrei pra onde eu ia e aí fiz o caminho certo, eu tô assim, esquecendo de tudo.”

A pergunta foi feita novamente e o entrevistado 5 começou a falar muito do sítio e da casa na cidade, parecia confuso em relação ao local onde, de fato, nasceu e não soube responder. O entrevistado apresentou angústia e preocupação devido à situação.

3. Quantos anos o senhor(a) tem?

Refeitório Penaforte Mendes

1. 61 anos.
2. 64 anos.
3. 65 anos.
4. 64 anos.
5. 65 anos.

4. Qual o seu grau de escolaridade?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Secundário incompleto (científico incompleto).
2. Ensino Fundamental incompleto (primário incompleto).
3. Ensino Fundamental completo (primário completo).
4. Secundário completo (científico completo).
5. Ensino Fundamental incompleto (ginásio incompleto).

5. Qual o estado civil atual do senhor(a)?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Solteiro(a).
2. Viúvo(a).
3. Solteiro(a).
4. Desquitado(a) - divorciado(a).
5. Desquitado(a) - divorciado(a).

6. Quantos filhos o senhor(a) teve?

Refeitório Penaforte Mendes

1. 1 – adotivo.
2. 1
3. Não teve filhos.
4. 1
5. 1

Palavras do entrevistado 5: “Tinha apartamento, vendi o apartamento e dei a metade pra esposa e o resto o plano Collor arrastou...”

7. Qual a sua profissão?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Maitre de hotel.
2. Cozinheiro e Confeiteiro.
3. Tintureiro (tingia roupas) e Ascensorista de Elevador.
4. Motorista.

5. Garçom - possui curso de garçom.

8. Com quantos anos o senhor(a) começou a trabalhar?

Refeitório Penaforte Mendes

1. 20 anos - depois que saiu do exército
2. 13 anos - na roça
3. 16 anos - em uma fábrica de vidro no bairro da Mooca
4. 16 anos

Palavras do entrevistado 4: "...jogava sinuca para sobreviver." - O entrevistado não deu muitos detalhes, mas informou que, na época, o jogo era proibido pela lei.

5. NR - não respondeu

Palavras do entrevistado 5: "Fiz tiro de guerra em Presidente Prudente. Ia pra escola de cavalinho... Ajudava o pai na roça... Tinha 10 anos..." Porém, informou que ajudava sem obrigação.

9. O senhor(a) é aposentado?'

Refeitório Penaforte Mendes

1. Não.
2. Não.
3. Sim - Benefício LOAS (Recebe há mais ou menos uns dois meses.)
4. Não.
5. Não.

10. Quais são as suas fontes de renda?

Refeitório Penaforte Mendes

1. "bicos".

Palavras do entrevistado 1: "Olho carros e faço mandado."

2. Não tem.

Palavras do entrevistado 2: "No momento não faço nada... Fui operado da hérnia duas vezes..."

3. Benefício LOAS.

4. "bicos".

Palavras do entrevistado 4: “Pra pagar o aluguel.”

5. Não tem.

11. O senhor(a) ainda trabalha?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Sim - faz “bicos”.
2. Sim - faz “bicos” leves, devido às duas operações de hérnia.
3. Não.

Palavras do entrevistado 3: “Não tem mais idade.”

4. Sim - faz “bicos” de eletricista e marceneiro.
5. Sim - faz “bicos”.

Palavras do entrevistado 5: “Cato latinha. Ando o dia inteiro e não ganho nada... Tem muito catador de latinha... Eles briga por causa de latinha.”

II. SITUAÇÃO DE RUA

12. Faz quantos anos que o senhor(a) está em situação de rua?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Palavras do entrevistado 1: “Saí de casa em Março de 1997. Deixei tudo com a minha esposa. Em Abril de 97 tive um acidente, fui morar em uma perua (*lotação*)... Tou até hoje nessa situação.”
2. 10 anos

Palavras do entrevistado 2: “Minha mãe morreu, aí minha irmã vendeu a chácara...Ela me deu um barraco aqui em São Paulo...Vendi o barraco pro meu sobrinho e ele me deu um cano. Em São Paulo, faz 6 anos, mas essa vida sofrida vem desde de lá do Paraná; 4 anos lá e 6 anos aqui de vida sofrida.”

3. NS - não sabe - primeiro falou quatro anos, depois se perdeu nas palavras.

Palavras do entrevistado 3: “Não lembro.”

Foi questionado se ele se lembrava do presidente da época, como não lembrou, foi mencionado o nome Lula, Fernando Henrique, Collor e quando o entrevistado ouviu o nome Collor, logo, falou com entusiasmo: “Sarney! Era o Sarney.” José Sarney deixou a presidência em 1990, portanto, de lá para cá, somam-se dezenove anos.

O entrevistado 3 apresentou um entusiasmo tão grande ao lembrar-se da época, que, a partir daí, começou a contar alguns momentos de sua vida com um ar de alegria: “Eu era professor de violão, eu tinha uma guitarra... Trabalhava em uma loja de material de construção no Brás, trabalhava e dormia lá dentro, tinha um gravador da CCE...”

4. 24 anos - informou que vendeu as casas que possuía, gastou todo o dinheiro e depois foi para a rua.

5. N\R - não respondeu.

13. Antes de estar em situação de rua o senhor(a) morava onde?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Casa\apartamento e pensão.
2. Casa\apartamento e favela\cortiço.
3. Casa\apartamento - na casa do irmão e depois na casa da sobrinha.
4. Casa\apartamento, albergue e favela\cortiço.
5. Casa\apartamento, albergue e pensão.

Palavras do entrevistado 5: “Depois da pensão fui pra rua, o dinheiro acabou, não tinha como pagar...” - Segundo o entrevistado, essa situação começou após o Plano Collor e se estende até hoje.

14. Antes, de estar em situação de rua o senhor(a) morava com quem?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Esposa \ Filhos
2. Pais\ Esposa e por último com uma filha.

Palavras do entrevistado 2: “O meu genro me pôs pra fora de casa, lá no Paraná... Eu cortei cana, pagava 25 conto pra ajudar ele a pagar a prestação da casa... Quando ele terminou de pagar a casa, pôs eu pra fora.”

3. Com irmão e depois na casa da sobrinha.
4. Esposa \ Filhos

Palavras do entrevistado 4: “Hoje, na maloca... O Kassab vai expulsar a gente, devido a casa não ter condição de moradia... No abrigo eu não vou, aquilo é uma prisão!”

5. Esposa \ Filhos e Amigos - na pensão.

15. Atualmente onde o senhor (a) passa as noites?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Ao relento - O entrevistado informou que passou noites na rua dormindo em caixas de papelão. Informou que, às 22h, as empresas, no centro, jogam caixas de geladeira e então, ele e alguns colegas, pegavam as caixas e entravam dentro, como se fosse uma cama, e se protegiam do frio. Também passou as noites em albergues, em casas abandonadas, e hoje, passa em um local cedido pela prefeitura - Hotel Social.

Palavras do entrevistado 1: “Não sei pedir nada pra ninguém, às vezes peço roupa, ando de muleta há oito anos, tive quatro cirurgia nas pernas e uma no braço direito.

Pra dormir debaixo das marquises, o cara olha pra você e vê se você tá bem limpinho, mais ou menos, aí pede o que ele quer pra você dormir lá... Às vezes, cinco reais, dois, depende de como você está, se não tem dinheiro, pede cigarro, se não tem nada, eles manda: Vai achacar, vai roubar. É a rua, é a lei do cão. Os caras cobra pro outro dormir... Quando eu dormi na rua, não gostei muito não, vi cada coisa, aff.” Fez uma cara de espanto e balançou a cabeça.

2. Albergues

3. Albergues e ao relento - hoje dorme debaixo de um ponto de taxi, diz que a noite faz muito frio.

4. Ao relento, albergues, auxílio moradia (fornecido pela prefeitura) - Informou que também já passou as noites na mata e hoje dorme na maloca (favela\cortiço).

5. Ao relento, albergues, em casas abandonadas e locais cedidos por alguém (foi questionado: em qual local?)

Palavras do entrevistado 5: “Ia na imobiliária, pedi permissão pra dormir lá (referia-se ao local a venda). Aí virei plantonista residencial, o corretor foi lá e viu a casa limpinha. Hoje durmo na rodoviária da Barra Funda e tomo banho na Dino Bueno.”

16. O que o senhor(a) mais gosta de fazer durante o dia?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Palavras do entrevistado 1: “Ler Alan Kardec e dar um café pro meu amigo que dorme na rua, no papelão...”

2. Andar.
3. Cantar músicas.
4. Palavras do entrevistado 4: “Assistir filme no Centro Cultural.”
5. N\S - não sabe.

O entrevistado 5 apresenta baixa autoestima, seus ombros estão sempre caídos e durante a entrevista estava sempre cabisbaixo, com vergonha, devido a sua situação atual.

17.A palavra “Liberdade” tem alguma relação com o fato de estar na rua?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Sim.
2. Sim.
3. Sim.
4. Sim.
5. Não.

Gostaria de comentar?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Palavras do entrevistado 1: “Na rua tem que ser maleável, não pode maltratar as pessoas... As pessoas sofre, mas se ela for persistente naquilo que quer... Se batalhar vai vencer. Na rua temos que ouvir pra saber o nosso tipo de liberdade.”
2. Palavras do entrevistado 2: “Ele só tá na rua porque ele quer, porque tem onde ficar...”
3. Palavras do entrevistado 3: “Liberdade é estar à vontade na rua, sem preconceito...”
– Perdia-se nas palavras.
4. Palavras do entrevistado 4: “A situação de rua é uma pura liberdade. Eu não tenho que preferir albergues, cumprir horário, eu vou pra onde eu quero, chego em casa na hora que quero...Abrigo! Aquilo parece uma prisão.” Quando fala a palavra *casa*, se referia ao local atual onde vive, o qual chama de maloca.
5. Palavras do entrevistado 5: “Liberdade você vai onde você quer, anda sozinho pra evitar conversa. O cara se encosta e vai te ameaçando por causa de uma latinha.”

18. Tem facilidade para se alimentar?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Sim.
2. Sim.
3. Sim.
4. Sim.
5. Não.

Palavras do entrevistado 5: “É difícil... Se chego em um restaurante, eles fala: Não tem comida. Por causa de um, todo mundo paga.” – Referia-se aos que fazem as necessidades fisiológicas em frente aos restaurantes.

19. Onde o senhor(a) se alimenta atualmente?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Palavras do entrevistado 1: “Na boca de rango. Aqui no Pena Forte e na Dino Bueno.”
2. Palavras do entrevistado 2: “Pena Forte, no albergue, Dino Bueno, Panelinha e no Centro...Conheço todos os locais pra se alimentar...”
3. Palavras do entrevistado 3: “Pena Forte e na Queropita.”
4. Palavras do entrevistado 4: “Pena Forte ou, às vezes, janto na Condessa de São Joaquim.”
5. Palavras do entrevistado 5: “No Pena Forte. Depois ando quase 2 horas pra chegar na rodoviária pra dormir...” - Falou muito da dificuldade em encontrar banheiros.

20. Quais os locais de sua preferência para se alimentar?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Pena Forte e na Dino Bueno.
2. Não tenho.
3. N\R - não respondeu.
4. Pena Forte.
5. N\R - não respondeu.

21. Quais os motivos que o levaram para a rua?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Álcool\ desentendimentos com a família (ex-companheira).
2. Desemprego.
3. Álcool.
4. Desentendimentos com a família (ex-esposa e a família dela).
5. Álcool.

22. Das alternativas citadas acima, qual o motivo principal que o levou à situação de rua?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Álcool.
2. Desemprego.

Quando foi questionado se bebia, logo veio a resposta: “Meu sogro bebia. Eu cortava mil metro de cana todos os dias...”

3. Álcool.

Palavras do entrevistado 3: “Quando eu tava na casa de minha sobrinha, meu irmão ligava pra ela perguntando: O Antonio tá tomando cachaça?”

4. Desentendimentos com a família.

Quando foi questionado se bebia, respondeu: “Não, brigava com a família dela, foi briga com sogra e sogro, eu tinha casa, apartamento em Santos. O pai dela chegava na hora que queria e entrava, ele tinha a chave, eu não tinha mais sossego, todo mundo entrava na casa... Uma vez o pai dela tava mexendo nas minhas ferramentas, eu não gostei, ele tava com o meu serrote... Por isso, vendi casa, apartamento, vendi tudo e acabei com aquilo.”

5. Álcool - Informou que na época que era casado, bebia socialmente, mas o alcoolismo veio depois da separação, junto com o ciúme.

III. REDE DE RELACIONAMENTO

23. Com quais pessoas o senhor(a) se relaciona hoje, em situação de rua?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Amigos que dividem o quarto no Hotel Social, com educadores e o amigo do papelão – referia-se à pessoa que dorme na rua em cima de um papelão, para a qual ele leva café.
2. Palavras do entrevistado 2: “Só com conhecido, gente velha... Os novos só querem ignorância... Tem cara ruim no albergue.”
3. Palavras do entrevistado 3: “Converso com ninguém...” Depois falou: “Converso com o Amilton e o Rone, funcionários.” Não mencionou de onde.
4. Palavras do entrevistado 4: “Muitas... médicos, doutores, pessoas de rua, levo os pãezinhos que sobra aqui no café pros colegas de rua, eu não como tudo, como pouco.”
5. Palavras do entrevistado 5: “Com pessoas da mesma situação. Às vezes, encontro amigos de antes, mas não falo da minha situação não... A minha família não sabe da minha situação não... Eu não digo pra eles. Eu não gosto de pedir nada a ninguém, eu já fui bem de vida, eu jamais vou pedir algum auxílio, prefiro catar latinha. Eu falei pra um rapaz: eu tenho vergonha de catar latinha. O rapaz falou que era digno e falou: se vê que o senhor não é vagabundo.”

24. Qual a idade média das pessoas em situação de rua que o senhor(a) se relaciona?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Primeiro falou todas as idades e depois determinou uma idade: de 45 pra cima.
2. Palavras do entrevistado 2: “40 anos pra cima.”
3. Mais de 50.
4. Palavras do entrevistado 4 : “12 até 70 ou 80.”
5. Palavras do entrevistado 5: “30 anos pra cima.”

Palavras do entrevistado 5: “Essa molecada só pensa em maldade. Eles esperam a gente dormir e pega o cobertor e zapt (fez gesto com as mãos). Esses trombadinha é um perigo de noite, tem pedaço de pau e estilete, eles pegam pessoa idosas, pensam que sou aposentado, pega o que a gente tiver e ainda ameaça, diz que se for caguetar pra polícia pega a gente depois, diz que sabe onde a gente fica. Quando a gente tem algum dinheiro de latinha, ele vem e toma pra comprar as porcaria (as drogas), quando a gente não tem, eles bate. A noite, minha filha, não é fácil. Chega de três,

quatro trombadinhas e ameaça com faca, pensando que você tem dinheiro, as vezes, não vou daqui até a rodoviária sozinho porque tenho medo, espero juntar uns dois ou três pra gente ir junto, se não fico por aqui mesmo.”

25. Hoje, o senhor(a) mantém contato com a sua família?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Sim.

Palavras do entrevistado 1: “Telefone e visito na igreja do Campo Limpo (filha e ex-companheira).”

2. Não - faz 6 anos.

3. Não.

O entrevistado 3 informou que fazia muito tempo que não falava com o irmão e então, começou a lembrar de sua saída de casa.

Palavras do entrevistado 3: “Eu tava sem cigarro e queria fumar, não queria pedir e vim pra cidade de São Paulo pegar latinha pra comprar cigarro e não voltei mais, saí escondido... Tinha minha sobrinha Nice que toma conta da casa, a Eliana , Sueli, Andrea, tinha a Geni, uma baixinha branquinha... Morava com ela e o marido Valgleice.” Quando questionado se eles eram bons, e ele respondeu com rapidez e uma voz enérgica: “Era! Era! o Valgleice era trabalhador... Não voltei porque não tive possibilidade.” Falava com carinho da família e de suas sobrinhas, chegou a informar o endereço de uma delas.

4. Sim (liga duas a três vezes ao ano para a ex-esposa e para o filho).

5. Faz um ano que não tem contato com a filha.

Palavras do entrevistado 5: “Fiquei chateado com ela... Uma vez, deram risada com a minha cara, ela e uma coleguinha, achei que era comigo e aí deixei pra lá e não vou procurar não, se vir puxar conversa comigo eu falo, mas eu só queria saber porque teve gozando com minha cara.” Falava com desconfiança e ao mesmo tempo com tristeza e magoa pelo fato ocorrido.

26. O senhor(a) lembra de alguém especial com quem se relaciona ou se relacionava?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Sim.

Palavras do entrevistado 1: “Assistente social Débora do albergue. Um dia, cheguei mamado. No dia seguinte, ela foi conversar comigo e aí pegamos amizade.” Chorou quando falou da assistente social.

2. Palavras do entrevistado 2: “Não lembro...” Ficou olhando para o entrevistador e então falou: “Deus, não é?! É Deus!” Falou com entusiasmo e sorriu acanhado.

3. Palavras do entrevistado 3: “Meu sobrinho... Adoro o Jurandir, filho de minha irmã Rosa da Bahia.” Ao ser questionado se gostava muito do Jurandir, então respondeu com um olhar firme: “É lógico!”

4. Sim.

Palavras do entrevistado 4: “Uma amiga que já morreu.”

Foi questionado sobre essa amiga, pois seu olhar era de lembranças e ele apresentava um sorriso leve. Ele respondeu com alegria e expressão de saudade: “Porque foi minha amante!”

5. Sim.

Palavras do entrevistado 5: “João Camilo, meu cunhado, já faleceu. Casado com a irmã da minha ex-mulher. Tomamos cervejinha juntos... Era bom pra mim, amigão do coração.”

IV. OUTRAS INFORMAÇÕES

27. O que o senhor(a) faz para ter dias melhores, participa de algum grupo?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Sim.

Palavras do entrevistado 1: “Vou na Rua Formosa, fica debaixo do viaduto do Chá, e vou na Galeria Olido, em frente do Largo do Paissandu.”

2. Não.

3. Não.

4. Não.

5. Não.

28. O que o senhor(a) almeja (deseja) para seu futuro?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Palavras do entrevistado 1: “Um caminhão de dinheiro... Pra fazer aplicação e ficar de boa.”
2. Palavras do entrevistado 2: “Quero ver dinheiro na frente... Mas tá duro.”
3. Palavras do entrevistado 3: “Ser cantor, tocar violão e guitarra.”
4. Palavras do entrevistado 4: “Ganhar na Mega, pra encher o bolso de dinheiro e não depender mais de nada.”
5. No primeiro momento falou sobre o dia em que Deus iria levá-lo e depois falou de saúde e paz. Percebe-se na resposta a presença de baixa autoestima.

29. O que o senhor(a) entende sobre políticas públicas?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Palavras do entrevistado 1: “Sou anti-político... Os governantes de São Paulo é um problema...Vejo cada irregularidade...Vejo meu amigo que é do grupo pra casa popular...Eu falo: meu amigo isso não vira...não faço fé... Tá lá tanto anos e nada.”
2. Palavras do entrevistado 2: “É quando você vai votar, não é?”
3. N\ S - não sabe.
4. N\ S - não sabe.
5. Palavras do entrevistado 5: “Não entendo nada.”

30. O senhor(a) acha que as políticas públicas atendem a todos os idosos (de alta e baixa renda)?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Não.
Palavras do entrevistado 1: “No mínimo, tem que ter um salário mínimo pra pagar as parcelas da casa... Atende os de alta renda, porque de baixa renda não sobra pra comer... Tem que ter de dois a três salário mínimo pra poder viver... ”
2. N\ S - não sabe.
3. N\ S - não sabe.
4. N\ S - não sabe.
5. Sim.
Palavras do entrevistado 5: “Acho que ela atende todos.”

31. Como o senhor(a) avalia os resultados das políticas públicas?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Péssimo.

2. Bom.

Palavras do entrevistado 2: “Porque eu tenho que votar, quem tem título tem que votar, tô certo ou errado? ”

3. Bom.

4. N\ S - não sabe.

5. N\ S - não sabe.

32. O senhor já ouviu falar do “Estatuto do Idoso” ?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Sim.

2. Sim.

3. Sim.

4. Sim.

5. Sim.

33. O senhor já teve a oportunidade de ler o “Estatuto”?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Sim.

2. Sim.

3. Sim.

Palavras do entrevistado 3: “Uma parte.”

4. Sim.

5. Não - não possui óculos e tem problema de visão.

34. Gostaria de ter o “Estatuto do Idoso”?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Já possui.

2. N\ R - não respondeu.

3. Sim - tinha, mas perdeu.

4. Já possui.

5. Sim - tinha, mas roubaram com seus pertences.

Obs: É comum roubarem os pertences de quem está em situação de rua.

35. O senhor(a) considera que o “Estatuto do Idoso” melhorou a condição de vida dos idosos? Por quê?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Sim.

Palavras do entrevistado 1: “No sentido da gente viajar... Viaje intermunicipal. Para deficiente, no estatuto, deveria ter acompanhante... Como o deficiente vai se virar sozinho na viagem?”

2. Sim.

Palavras do entrevistado 2: “Nós come, nós bebe.”

3. Sim.

Palavras do entrevistado 3: “Eles dão apoio pra pessoas viajar de ônibus, de trem de graça. A gente passa a viajar pra qualquer estado... Na Bahia...”

4. Sim.

Palavras do entrevistado 4: “Porque explica tudo, muitas coisas, tudo que temos direito.”

5. Palavras do entrevistado 5: “Não posso falar nada, não sei se melhorou ou não.”

36. Gostaria de deixar alguma mensagem? Qual?

Refeitório Penaforte Mendes

1. Sim.

Palavras do entrevistado 1: “A todos os meus amigos de rua: muita paz, muito carinho para o ser humano... Nos estamos nessa batalha e um dia chegaremos lá... Deus é maior e muita paz para todos.” Falou com emoção.

2. Sim.

Palavras do entrevistado 2: “Na minha mente, eu quero Deus na minha vida.” Sorriu acanhado.

3. No primeiro momento, disse: “Não.” Foi questionado se tinha alguma coisa guardada no coração e se gostaria de falar, então, começou a cantar com muita alegria: “Eu

queria poder transformar tantas coisas impossível. Eu queria poder abraçar meu maior inimigo. Eu queria não ver o verde da terra morrendo. E as águas dos rios dos peixes desaparecendo. Eu queria falar de alegria em vez de tristeza, mas não sou capaz. Eu queria ser civilizado como os animais... Lá-rá-rá-rá-rá Lá-rá-rá-rá....” Disse que a música é do Roberto Carlos e saiu da sala cantando.

4. Não.

Palavras do entrevistado 4: “Porque não sou de falar, sou mais de ouvir... Eu não sou de falar, quem muito fala, muito erra.”

5. Palavras do entrevistado 5: “Nenhuma, quanto mais quieto eu ficar, pra mim melhor... Se falar a pessoa não vai gostar. Eu procuro não falar nada.” Presença de baixa autoestima.

2.2 RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO APLICADO NO GARMIC

I.DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS

1. Em que município, Estado e País o senhor(a) nasceu?

GARMIC

1. Poços de Caldas - Minas Gerais.
2. Santa Ernestina - São Paulo.
3. Nova Granada - São Paulo.
4. São Paulo - São Paulo.
5. Pesqueira – Pernambuco. Ficou emocionado, deu suspiros de saudades, disse que Pesqueira fica perto de Caruaru, falou que quase virou padre, que era do seminário e que tinha uma irmã gêmea.

2. Onde o senhor(a) nasceu, no meio urbano ou rural?

GARMIC

1. Rural.
2. Rural.
3. Rural.
4. Urbano.
5. Urbano.

3. Quantos anos o senhor(a) tem?

GARMIC

1. 70 anos.
2. 71 anos.
3. 73 anos.
4. 77 anos.
5. 66 anos.

4. Qual o seu grau de escolaridade?

GARMIC

1. Ensino Fundamental completo (primário completo).
2. Ensino Fundamental completo (ginásio completo).
3. Ensino Fundamental incompleto (primário incompleto).
4. Ensino Fundamental completo (ginásio completo).
5. Secundário completo (científico completo).

5. Qual o estado civil atual do senhor(a)?

GARMIC

1. Solteira.
2. Casado.
3. Solteiro.
4. Separado.
5. Separado.

6. Quantos filhos o senhor(a) teve?

GARMIC

1. Dois.
2. Não teve filhos.
3. Um.
4. Dois.
5. Informou 5, depois 3 – adotivos.

7. Qual a sua profissão?

GARMIC

1. Cozinheira.
2. Operador de máquinas.
3. Caldeireiro.
4. Tapeceiro de automóvel e fabricante de móveis.
5. Assistente de custos.

8. Com quantos anos o senhor(a) começou a trabalhar?

GARMIC

1. 10 anos - em casa de família.
2. 16 anos - informou que quando criança ajudava o pai no sítio, mas disse que era por vontade própria e não por obrigação.
3. 05 anos - na roça.
4. 15 anos - na tapeçaria cobrindo sofás e bancos de carro.
5. 17 anos - auxiliar de contabilidade.

9. O senhor(a) é aposentado?

GARMIC

1. Sim - benefício LOAS.
2. Sim - benefício LOAS
3. Sim - benefício LOAS.
4. Sim - benefício LOAS.
5. Sim - aposentado por invalidez desde 1997.

10. Quais as suas fontes de renda?

GARMIC

1. Benefício LOAS.
2. Benefício LOAS.
3. Benefício LOAS.
4. Benefício LOAS.
5. Aposentadoria por invalidez.

11. O senhor(a) ainda trabalha?

GARMIC

1. Não - segundo informações da entrevistada, ela está com problemas de saúde e vai operar de câncer.
2. Não.

Palavras do entrevistado 2: "Vendo paçoca como terapia... Para recuperação da perna... Tenho osso gasto... Vendo também para melhorar a resistência física, pois tou

ficando velho e preciso exercitar e movimentar o corpo e a mente também, pra não ficar esquecido...”

3. Sim.

Palavras do entrevistado 3: “Na manutenção como voluntário...”

4. Sim.

Palavras do entrevistado 4: “Trabalho voluntário... Ajudo a dar aulas para pessoas deficientes... Ensino a encadernar... Ensino pessoas que tiveram derrame, pessoas de memória fraca...”

5. Não - o entrevistado está acamado e muito doente.

II. SITUAÇÃO DE RUA

12. Quantos anos o senhor(a) ficou em situação de rua?

GARMIC

1. 11 anos.

2. NR - não respondeu. Com essa pergunta, o entrevistado ficou com uma voz ríspida, demonstrando não ter nenhuma semelhança com pessoas de rua, falou que as pessoas misturam tudo, dizendo que todos são moradores de rua, e deixou claro em sua fala que não foi morador de rua, mas suas palavras e seus sentimentos foram saindo espontaneamente, como se estivesse desabafando sobre um passado não aceito por ele.

Palavras do entrevistado 2: “Olha minha filha! Eu não sou morador de rua não, viu? Eu só dormi na rua duas noites só pra saber como que era, mas eu não sou morador de rua não, um ano eu dormi na Beneficência Portuguesa dentro do hospital, eu esperava a noite e entrava pelo uma entrada que dava lá dentro, dormia lá, não tinha dinheiro pra pagar pensão e no albergue é muito sujo, tinha albergue que tinha pulgas e lá dentro do hospital parecia um hotel e era de graça, tudo limpinho...(deu um sorriso amarelo). Dormia lá com um amigo, ele que me falou de lá, ele estava em situação de rua, mais era assim, ele tinha a vida dele e eu a minha, eu não tinha nada com a vida dele...Acho que ele usava drogas...Mas era uma pessoa boa, eu não tinha nada a ver com a vida dele.”

3. 02 anos.

4. Palavras do entrevistado 4: “Cinco anos no albergue.” Perdia-se na contagem, aparentemente o total foi de 8 a 10 anos.
5. Ficou na Casa Lar de 1998 a 1999.

13. Antes de estar em situação de rua o senhor(a) morava onde?

GARMIC

1. Outros - trabalhava e morava no emprego e depois morou em pensão com amigos.
2. Casa\apartamento e pensão.
3. Albergue, abrigo provisório e pensão
4. Casa\apartamento.
5. Casa\apartamento, albergues e abrigo provisório - deixou a casa para a esposa e foi para a rua em 1998.

14. Antes, de estar em situação de rua o senhor(a) morava com quem?

GARMIC

1. Outros - sempre nos empregos domésticos. Na última casa que trabalhou passou 10 anos.
2. Amigos.
3. Amigos.
4. Esposa e filhos.
5. Esposa e filhos.

15. Quando o senhor estava em situação de rua, onde o senhor(a) passava as noites?

GARMIC

1. Albergues, auxílio moradia (moradia provisória) e CETERM (abrigo).
2. Duas noites ao relento, três noites em casas abandonadas e nove dias no albergue.
Palavras do entrevistado 2: “Dormi duas noites na rua, só pra saber como é que era, eu não gostava de albergue não, tinha muitas pulgas e sujeiras. Na minha época, quase não tinha albergues, quando eu tinha dinheiro ia pra pensão.”
3. Ao relento e em casas abandonadas.

Palavras do entrevistado 3: “Uma vez tava muito frio, aí eu vi uma casa abandonada e entrei pra dormir, fui entrando, entrando, tava um cheiro horrível, quando olhei tinha uma pessoa morta lá dentro, parecia que fazia dias que tinha morrido, tava um cheiro horrível... Chamei a polícia e procurei outro lugar pra dormir”.

4. Ao relento, albergues e em casas abandonadas.

Palavras do entrevistado 4: “Passei duas semanas ao relento, quatro dias em uma casa abandonada e em albergues”

5. Ao relento e albergues.

Palavras do entrevistado 5: “Na rua e no albergue. No albergue é muita mistura, tem cachaceiro, maconheiro, traficante...”

16. Quando o senhor(a) estava em situação de rua, o que mais o senhor(a) gostava de fazer durante o dia?

1. Palavras do entrevistado 1: “Artesanato no albergue, fazia pra não ficar na rua e por sinal foi muito benéfico, pois eram vendidos e me ajuda um pouco.”

2. Palavras do entrevistado 2: “Trabalhava como camelô, porque precisava e gostava um pouco.”

3. Palavras do entrevistado 3: “Comer.”

4. Palavras do entrevistado 4: “Ir no SENAI para aprender pintura de casa.” Referia-se ao curso de pintor de parede.

5. Palavras do entrevistado 5: “Ler na biblioteca.”

17. Como o senhor(a) se sentia quando estava em situação de rua?

GARMIC

1. Palavras do entrevistado 1: “Muito oprimida, desonrada, desacreditada, ninguém dá valor.”

2. Palavras do entrevistado 2: “Acostumado.”

3. Palavras do entrevistado 3: “Retraído.”

4. Palavras do entrevistado 4: “Muito Mal.”

5. Palavras do entrevistado 5: “Humilhado.”

Gostaria de comentar ?

GARMIC

1. Sim.

Palavras do entrevistado 1: “A gente que não tem casa, não tem dinheiro, a gente agüenta de tudo dentro do albergue, lá é tudo igual. Eu não gostava de albergue (referia-se à falta de seleção das pessoas).”

2. Sim.

Palavras do entrevistado 2: “Acostumei com aquela vida, se eu fosse ficar perturbado com aquela situação e não aceitar, poderia ficar doente.”

3. NR - não respondeu.

4. Sim.

Palavras do entrevistado 4: “Passava muito frio, ficava sem dinheiro, tinha que procurar onde comer, ficava sentado no banco da igreja fazendo que estava rezando, mas na verdade estava cochilando, estava cansado, aí o guardinha da igreja mandava sair, ele dizia: aqui o senhor não pode ficar. Então a gente tinha que sair pra rua.”

5. O entrevistado ficou muito emocionado quando foi questionado por que ele se sentia humilhado. Devido ao seu estado de saúde, foi decidido não continuar com a pergunta. O olhar do entrevistado transmitia claramente o que ele sentia, um olhar de profunda tristeza acompanhado de lágrimas, então foi dito a ele: “Tudo bem! Já entendi, fique calmo! Hoje graças a Deus o senhor tem sua casa, sua caminha, seu cobertor quentinho e uma comida gostosa pra comer, não é?”

Ele sorriu e falou: “É!”

18.A palavra “Liberdade” tem alguma relação com o fato de estar na rua?

GARMIC

1. Não.

2. Não.

3. Sim.

4. Não.

5. Sim.

Gostaria de comentar?

GARMIC

1. Sim.

Palavras do entrevistado 1: “Liberdade é ter aquela liberdade de ir e vir e não ser julgada... Não tem que ficar à custa de ninguém... Tal horário tem que tá aqui... Não tem privacidade nem fora, nem dentro, tanto nas ruas como em albergues.”

2. Sim.

Palavras do entrevistado 2: “Liberdade é para mim... Eu tenho os meus negócios e ninguém pode se meter, tenho liberdade de fazer o que eu quero, mas não faço porque a gente tem compromisso na vida.”

3. Sim.

Palavras do entrevistado 3: “Liberdade de mais não presta, tem que ser liberdade com disciplina se não vira *bicho*. No albergue, tem que ter disciplina e disciplina demais acaba com a liberdade.”

4. Sim.

Palavras do entrevistado 4: “Liberdade é ter dinheiro no bolso e poder andar e trabalhar. Liberdade é estar trabalhando, pois assim eu me liberto das coisas, não fico pensando besteira dentro de casa, trabalhando a gente tem saúde.” O entrevistado parou de falar por um instante e começou a pensar na vida que teve junto ao seu pai e sua mãe.

Palavras do entrevistado 4: “Papai me ensinou a ler, me deu educação, era um mineiro fora de sério, acordava cedo pra fazer o nosso café e ele nem precisava acordar tão cedo, porque entrava mais tarde no serviço. Ele era fiscal dos Matarazzo. Mamãe não era de abraçar muito e nem dizer palavras bonitas, mas só de olhar, a gente já sentia o carinho dela.” Falava com emoção dos pais e com ar de saudades.

5. Sim.

Palavras do entrevistado: “É como quem está na rua, humilhado, ninguém acredita... A liberdade não tem preço.”

19. Tinha facilidade para se alimentar quando estava em situação de rua?

GARMIC

1. Sim.

2. Não.

Palavras do entrevistado 2: “Nem nas casas dos parentes se tem facilidade, facilidade é pra quem tem dinheiro no bolso. Tinha vergonha de pedir, tinha vergonha na cara... Ficava três dias sem comer, mas não pedia.” Foi questionado se era realmente verdade que tinha ficado três dias sem comer. O entrevistado reagiu com uma voz firme: “é verdade! É verdade! Não sei como aguentei, mas é verdade.”

3. Não.

4. Não.

Palavras do entrevistado 4: “Aprendi com um rapaz que já faleceu, o senhor José Maria, ele foi que nem um irmão, ele me ensinou e me indicou as bocas de rango, a Dino Bueno e a Casa da Convivência.”

5. Sim.

20. Onde o senhor(a) se alimentava quando estava em situação de rua?

GARMIC

1. No albergue - informou que se não participasse do artesanato não tinha almoço e nem lanche, somente a janta.

2. Palavras do entrevistado 2: “Quando tinha dinheiro, ia nos bar e restaurantes, quando tinha oportunidade ia no albergue pra não gastar e no Pena Forte.”

3. Palavras do entrevistado 3: “De várias formas, de várias maneiras, catava resto de feira e fazia uma mistura na lata e comia, ou então, em boca de rango. Eu tinha vergonha de pedir.”

4. Palavras do entrevistado 4: “Tomava café na Praça da Sé, tinha uma van que dava café, até hoje tem, almoçava no pátio do colégio, vinha uma ONG Espírita e dava marmitex, boa comida, mas jantava pouco, por causa da orientação médica, por causa da saúde”

5. No albergue, casa de convivência e na Porto Seguro.

21. Quais os locais de preferência para se alimentar?

1. Palavras do entrevistado 1: “Na 14 bis, os coreanos davam uma comida boa, só que tinha que ter vasilha.”

2. Palavras do entrevistado 2: “Nos bar, no mais barato (deu uma risada sem graça), ia no colégio da Estação Sorocaba, não lembro o nome, lá dava almoço pros caras.”

3. Palavras do entrevistado 3: “Finais de semana, na boca de rango em Santo André, já durante a semana, comida doada por guardinha de restaurante e a sopa da lata, fazia com resto de feira, colocava dentro pedaço de frango, peixe, batata... Misturava tudo e comia, até que ficava bom!” O entrevistado deu um sorriso, como dizendo, não era tão ruim não.

4. Palavras do entrevistado 4: “Na Dino Bueno e na Porto Seguro, tinha uma sopa forte às quatro da tarde. A comida era fresquinha e feita na hora.”

5. Palavras do entrevistado: “Porto Seguro.”

22. Onde o senhor(a) se alimenta atualmente?

GARMIC

1. Palavras do entrevistado 1: “Na minha casa ou no Bom Prato.”

2. Palavras do entrevistado 2: “Na minha casa.”

3. Palavras do entrevistado 3: “Bom Prato e na minha casa.”

4. Palavras do entrevistado 4: “Em casa.”

5. Palavras do entrevistado 5: “Aqui! Como comida boa, bem feita, limpinha, lá no albergue era tudo sujo, roupa de cama...”

23. Quais os motivos que o levaram para rua?

GARMIC

1. Palavras do entrevistado 1: “Álcool e não tinha onde morar.”

2. Desemprego.

3. Desemprego.

Palavras do entrevistado 3: “Falta de oportunidade.”

4. Álcool, desemprego e desentendimentos com a família.

5. Desentendimentos com a família.

24. Das alternativas citadas acima, qual o motivo principal que o levou à situação de rua?

GARMIC

1. Palavras do entrevistado 1: “Não tinha onde morar.”

2. Desemprego.

3. Desemprego.

Palavras do entrevistado 3: *“Falta de oportunidade. A pessoa vem pra São Paulo procurar emprego, mas não serve... Tem experiência, mas não conta, às vezes não está na carteira.”*

4. Álcool - segundo o entrevistado o alcoolismo começou quando estava morando com a sua filha e seu genro.

Palavras do entrevistado 4: “Um dia ele falou: pegue sua mala e vá viajar, vai comer onde você poder pagar, tá comendo demais. Eu peguei e saí, na verdade eu tava tirando a prioridade (quis dizer privacidade) deles, lá era pequeno e eu tava acomodado, a gente se acomoda, sabia?”

5. Palavras do entrevistado 5: “Separei da mulher porque era muito encrunqueira. Os filhos dela viraram bandidos... Um deles quase me matou, me deu um tiro... Ele arrumou uma mulher e eu tinha que dar tudo pra eles...”

III. REDE DE RELACIONAMENTO

25. Com quais pessoas o senhor(a) se relacionava quando estava em situação de rua?

GARMIC

1. Palavras do entrevistado 1: “Com todo mundo, criança, adolescente, mães, adultos, todo mundo.”

2. Palavras do entrevistado 2: “Comigo mesmo.”

3. Palavras do entrevistado 3: “20 anos pra cima.”

4. Palavras do entrevistado 4: “Todos, desde 20 pra cima.”

5. Palavras do entrevistado 5: “No albergue, tem gente que tem futuro, também tem gente civilizada, gente que estudou.”

26. Qual a idade média das pessoas que o senhor(a) se relacionava?

GARMIC

1. Palavras do entrevistado 1: “Todas as idades.”

2. Palavras do entrevistado 2: “Eu comigo mesmo.”

Foi questionado se ele nunca teve uma pessoa pra conversar. O entrevistado olhou firme e desabafou: “Pra começar, nunca vi meus avós conversando, era um ambiente fechado... Nunca vi uma tia chegar e bater papo...” Chorou discretamente, limpando os olhos atrás das lentes dos óculos. Quando disse que foi discriminado pela mãe, parou, pensou e falou: “eu nunca vi ela bater nos meus irmãos, levei uma surra de vara, vou te contar. Meu irmão tava fazendo um forninho de barro com os pés, eu vim por trás e chutei o forninho dele com o pé, eu chutei pra brincar, coisa de criança, meu irmão chorou e minha mãe me deu uma surra de vara, eu nunca esqueci... Eu não gostei não, aquilo ficou.” Ficou pensativo e olhando pro nada. Foi questionado se aquela situação tinha marcado a vida dele, e ele respondeu com rapidez, voltando de seus pensamentos: “Marcou, por isso tou te contando, eu tinha cinco anos, mas não achei aquilo certo, eu só tava brincando!” Perguntado se ele havia perdoado a mãe, ele, disse que sim, pois quando a mãe estava morrendo, eles conversaram sobre o acontecimento e ele a perdoou.

3. Palavras do entrevistado 3: “20 anos pra cima.”

4. Palavras do entrevistado 4: “De 20 pra cima.”

5. Palavras do entrevistado 5: “De 23 até mais.”

27. O senhor(a) lembra de alguém especial?

GARMIC

1. Palavras do entrevistado 1: “Uma funcionária da Boracéia que me orientava muito e a Marlene, uma assistente social do Glicério, até hoje tenho contato com elas, tenho muita afinidade com elas.”

2. Palavras do entrevistado 2: “Elias e Neide, ele era do Paraná e ela uma cearense, uma vez eu não tinha o dinheiro pra pagar a pensão e ia pra fora, aí ela falou: fica aí, não vai sair não, eu vou falar com o Elias...” Foi questionado por que essas pessoas são especiais, e o entrevistado falou com emoção: “porque são humanos.”

3. Palavras do entrevistado 3: “Na rua o relacionamento é mesquinho, amigo não existe, a amizade não existe, o que existe é um relacionamento mesquinho, às vezes, a pessoa está embriagada já muda de figura, não te conhece, já quer te roubar, faz você ficar bêbada e espera você dormir pra te trair. Uma vez eu tava dormindo e aí veio um cara pegar as minhas coisas, eu já levantei rápido com uma pedra e ele saiu correndo

porque se assustou, pensou que eu estivesse dormindo. Já vi pessoas tacando pedra na cabeça de outra, eu dormia com um olho fechado e o outro aberto, uma vez comprei uma faca deste tamanho (mostrou o comprimento com as mãos). Na rua você tem que se proteger, eu preferia andar sozinho, pois sabia me defender. A confusão começa por causa de culturas, na rua tem muita cultura misturada, tem os que vem da Bahia, e aí se mostra valentão, querendo ser o dono. As vezes, fala uma coisa que o outro não gosta, não concorda por ser de costume diferente, aí começa a briga, viver na rua é um sério risco.”

4. Palavras do entrevistado 4: “Da Maria dos Reis da Casa Lar, me ensinou coisas boas, tratava a gente com carinho, parecia mãe da gente.”

5. Palavras do entrevistado 5: “Araci! Morei com ela de 70 até 88, morei 18 anos... Ela foi boa demais pra mim, morreu em 88”

28. Hoje o senhor(a) continua se relacionando com essas pessoas?

GARMIC

1. Sim.

Palavras do entrevistado 1: “Com pessoas que estão em situação de rua, são poucas pessoas, muito poucas, me relaciono só quando encontro.”

2. Não – referia-se as pessoas em situação de rua, por exemplo, o colega que dividia o espaço para dormir no hospital.

3. Não.

4. Sim.

Palavras do entrevistado 4: “Com a Maria dos Reis sim, com as pessoas em situação de rua, não vejo mais. Muitos já morreram, outros tão morando em casa de madeirinha.” Referia-se à favela.

5. Sim.

Palavras do entrevistado 5: “Com as pessoas da Casa Lar.” Segundo o entrevistado, ele viveu na Casa Lar de 1998 a 1999.

29. Quando estava em situação de rua, o senhor(a) mantinha contato com a sua família (pais / filhos)?

GARMIC

1. Não.
2. Palavras do entrevistado 2: “Fiquei dois anos e meio sem contato, pra falar a verdade, os meus tios deixaram os meus pais sem nada, roubou a herança dos meus pais... Uma família briguenta por parte de meu avô... Meus sobrinhos são médicos, advogados, por causa do dinheiro do meu avô, um dia vou falar pra eles que se não fosse o dinheiro do meu avô, eles não estavam formados... Era um ambiente muito ruim mesmo, hoje vou ver os meus sobrinhos, falo com eles.”
3. Não.
4. Sim.
5. Sim. Segundo o entrevistado, ele tinha contato com a família de Pesqueira, mas faz muitos anos que perdeu o contato, desde quando veio pra São Paulo. Já com a última esposa, o último contato foi em 2006.

IV. **OUTRAS INFORMAÇÕES**

30. Hoje sua vida mudou para melhor?

GARMIC

1. Sim.
2. Sim.
3. Sim.
4. Sim.
5. Sim.

Gostaria de comentar?

GARMIC

1. Palavras do entrevistado 1: “Porque tenho minha casinha, tenho meu teto, graças a Deus e as pessoas que me ajudaram, principalmente a Dona Olga.”
2. Palavras do entrevistado 2: “Hoje, tenho minha mulher, tenho amor a ela, senão, estava do mesmo jeito. Na minha vida andei em caminhos tortos, e hoje, Deus pôs ela, ela encontrou comigo.” Falava com muito carinho e alegria e deixou transparecer a paixão pela a esposa.

3. Palavras do entrevistado 3: “Da água pro vinho.”

4. Palavras do entrevistado 4: “Porque eu larguei da bebida, do cigarro... Não frequento lugares indiscretos, onde não tem gente boa, que não trata a gente bem, não ando em mau ambiente.”

5. Palavras do entrevistado 5: “Eu tive muito doente, eu estou melhor agora, hoje, tenho minha casinha. Isso aqui, eu comprei, estou pagando... Tive emprego, tive bastante dinheiro.” Com relação à casa, falava com muito orgulho e satisfação, orgulho no sentido de luta e conquista.

31. O que o senhor(a) faz para ter dias melhores, participa de algum grupo? Qual?

GARMIC

1. Não.

Palavras do entrevistado 1: “No momento não faço nada, a minha distração é fazer meus cartões.” Levantou-se da cadeira e foi pegá-los, trouxe cartões e outros artesanatos, presenteou o entrevistador com um artesanato e após o agradecimento por parte do entrevistador, o idoso foi questionado: “A senhora também estuda, não é?” A entrevistada confirmou e contou como voltou a estudar: “Estudo e já vou pra oitava série... Foi assim, eu me escrevi para um concurso e no dia que ia fazer a prova, eu me arrumei, me lembro como hoje, na hora que ia saindo pra fazer a prova, a moça me ligou dizendo que eu não podia fazer, porque não tinha segundo grau... Fiquei tão triste, tão chateada e aí falei pra mim, vou voltar a estudar...” A entrevistada falou emocionada sobre fato ocorrido, e relatou o seu primeiro dia na sala de aula. Informou que a professora falou que ela era uma vencedora só de estar presente na sala, devido à sua força de vontade.

2. Não.

Palavras do entrevistado 4: “Meu grupo é ficar com minha mulher.”

3. Sim.

Palavras do entrevistado 3: “Participo de um lazer ali na empresa (sinalizou com a mão um local próximo), lá tem festa que as firmas fazem, é um clube, tem tudo direitinho...”

4. Sim.

Palavras do entrevistado 4: “Vou em reuniões na Câmara, reuniões do Garmic, da pastoral da Sé e estudo marchetaria, um trabalho com quadradinhos de madeira pra fazer capa de livros e molduras.”

5. Sim.

Palavras do entrevistado 5: “Participo do Garmic, fundei o Garmic com uns colegas da Casa Lar...” Informou os nomes dos colegas.

32. O que o senhor(a) almeja (deseja) para seu futuro?

GARMIC

1. Palavras do entrevistado 1: “Tranquilidade, paz e saúde.”

2. Palavras do entrevistado 2: “Saúde pra mim e minha mulher.”

3. Palavras do entrevistado 3: “Paz e amor.”

4. Palavras do entrevistado 4: “Pretendo ter minha casinha, a gente fica sossegado, não precisa pagar aluguel. Quero ter meu automóvel. A gente tem que sempre que acreditar, não é?”

5. Palavras do entrevistado 5: “Desejo ver todo mundo morando em suas casas.”
Referia-se as pessoas em situação de rua.

33. O que o senhor(a) entende sobre políticas públicas?

GARMIC

1. N\S - não sabe.

2. Palavras do entrevistado 2: “Fazer as coisas sem corrupção pro povo, políticas públicas é encher o bolso deles, é política pra eles mesmo, é adverso.”

3. Palavras do entrevistado 3: “Acho que é bom, ela força as autoridades a tomar conhecimento do que se passa com as pessoas necessitadas, povo de rua, povo de baixa renda, família que está na rua. Na minha época, não tinha tanta mulher com criança nas ruas, não tinha tanta família.”

4. Palavras do entrevistado 4: “Não entendo.” À princípio, começou a falar dos políticos e aí começou a refletir sobre o que estava dizendo, percebeu que não dizia respeito ao que havia sido questionado, e então, parou de falar e disse: “não entendo.”

5. Palavras do entrevistado 5: “Hoje tá havendo poucas ações sociais, quase não tem, as políticas públicas quase não tem.”

34. O senhor(a) acha que as políticas públicas atendem a todos os idosos (de alta e baixa renda)?

GARMIC

1. Palavras do entrevistado 1: “Só de baixa renda.”

2. Palavras do entrevistado 2: “Sim, com interesse, atende pra baixa renda, mas tira de nós pra dar pros outros, pra ter voto e não perder eleição, tá comprando o povo, o certo é dar emprego, se não tem emprego, faz plano familiar. Eu dava atendimento só pro primeiro filho, no segundo em diante não dava mais atendimento...” Estava falando da bolsa família e da gestão do Presidente Lula.

3. Sim.

Palavras do entrevistado 3: “Os que procuram.”

4. Sim.

5. Não.

35. Como o senhor(a) avalia os resultados das políticas públicas?

GARMIC

1. Regular.

2. Ruim.

3. Bom.

Palavras do entrevistado 3: “Está dando ouvido para os necessitados.”

4. Bom.

Palavras do entrevistado 4: “Pelo que vejo, o pessoal tem muito respeito pelo povo, você vai em uma repartição pública e te tratam bem... Na UBS tratam a gente bem.”

5. Ruim.

36. O senhor já ouviu falar do “Estatuto do Idoso”?

GARMIC

1. Sim.

2. Sim.

3. Sim.

4. Sim.

5. Sim.

37. O senhor já teve a oportunidade de ler o “Estatuto”?

GARMIC

1. Sim.
2. Sim.

Palavras do entrevistado 2: “Li algumas coisas.”

3. Sim.

Palavras do entrevistado 3: “Eu tenho ali...” Apontou para o local onde o estatuto estava guardado.

4. Sim.
5. Sim.

38. Gostaria de ter o “Estatuto do Idoso”?

GARMIC

1. Palavras do entrevistado 1: “Eu tenho, esperai que eu vou pegar...”
2. Sim.
3. Já possui.
4. Já possui.
5. Sim.

39. O senhor(a) considera que o “Estatuto do Idoso” melhorou a condição de vida dos idosos? Por quê?

GARMIC

1. Sim.

Palavras do entrevistado 1: “Demais. Foi à melhor coisa, principalmente pelo respeito que as pessoas têm com a gente... Antes falavam assim: Ah sua velha, tem que pagar ônibus, não pode entrar de graça. Como não posso? Eu posso sim, é meu direito, hoje ando de cabeça erguida, agora posso até estudar.” Hoje, esta idosa retornou aos estudos.

2. Não.

Palavras do entrevistado 2: “Não faz nada pro idoso.”

3. Palavras do entrevistado 3: “Em partes. Pra quem procura e exige, mesmo assim é difícil.”

4. Sim.

Palavras do entrevistado 4: “Porque o idoso aprendeu a reivindicar, o idoso tá toda hora na Câmara, ele tá sempre com a cara lá... A gente ganha com isso, quem não é visto, não é lembrado, não é mesmo? Se os idosos não estão reivindicando, é esquecido, tem que estar cobrando.”

5. Não.

Palavras do entrevistado 5: “O Governo tem que melhorar, a lei tá aí, tem que por em prática.”

40. Lembra de alguém que o ajudou a defender seus direitos para sair da rua?

1. Sim.

Palavras do entrevistado 1: “Dona Olga!”

2. Não.

3. Sim.

Palavras do entrevistado 3: “Um amigo que me levou pra comer na boca de rango na lapa... Conheci o moço que pegava o nome das pessoas na entrada, ele olhou pra mim e perguntou porque eu tava limpinho... Aí ele falou pra eu ir falar com a assistente social lá mesmo. Ela mandou eu ir em outro local... Lá eu participei de um grupo onde recebia instruções para saber como morar em grupo. O grupo ia lutar pela moradia... Fizaram minha ficha pra conseguir moradia... O grupo se juntou para fazer um curso para viver em moradia... Por isso lembro do moço.”

4. Sim.

Palavras do entrevistado 4: “Maria dos Reis, ela me ajudou a conseguir o Loas, me levou pro psiquiatra. Ela declarou de próprio punho que eu tinha mal de Parkinson (ainda apresenta a doença). Ela me pegou e me levou pra fazer tratamento (referia-se ao alcoolismo), melhorei 100%. Hoje em dia, entro no bar, tomo café com leite e nem tenho vontade de beber.”

5. Sim.

Palavras do entrevistado 5: “A assistente social do albergue, ela me dava conselho.” Nesse momento, foi observado que o entrevistado estava falando mais baixo e cansado.

41. Gostaria de deixar alguma mensagem? Qual?

GARMIC

1. Sim.

Palavras do entrevistado 1: “Que Deus dê muita saúde para as pessoas que me ajudou: Dona Olga, Seu Expedito, Dona Maria José e Seu João.”

2. Sim.

Palavras do entrevistado 2: “Se o povo não fosse pela conversa dos políticos, iria votar mesmo naquele que faz coisa para o povo, que trabalha de verdade e dá emprego para o povo.”

3. Sim.

Palavras do entrevistado 3: “Às pessoas que se encontra na rua, siga em frente, direitos tem, não pode deixar a peteca cair, uma hora vem, é só lutar.” O entrevistado demonstrou satisfação em deixar sua mensagem. Parou e pensou antes de falar a mensagem.

4. Sim.

Palavras do entrevistado 4: “Todo mundo precisa ter paz de espírito e viver muito com Deus.” Após o final da entrevista, o entrevistado falou: “Diga boas palavras na sua casa, as palavras são criadoras das coisas boas, elas possuem poder.”

5. Sim.

Ficou um tempo parado, pensativo, como se estivesse esperando o fôlego e então disse: “Seria bom que os idosos procurassem o seu caminho certo, a sua rota, não ficassem andando a esmo!”